

UNIVERSIDADE FEDERAL DA PARAÍBA
CENTRO DE CIÊNCIAS HUMANAS, LETRAS E ARTES
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM LETRAS
MESTRADO EM LINGUÍSTICA

LEILA ROCHA SARMENTO COELHO

OS MOVIMENTOS DO INCONSCIENTE NA ARTICULAÇÃO
IRONIA-LINGUAGEM-VERDADE

JOÃO PESSOA – PB

2007

LEILA ROCHA SARMENTO COELHO

**OS MOVIMENTOS DO INCONSCIENTE NA ARTICULAÇÃO
IRONIA-LINGUAGEM-VERDADE**

Dissertação apresentada ao Curso de Mestrado do Programa de Pós-Graduação em Letras da Universidade Federal da Paraíba, como requisito parcial à obtenção do título de Mestre em Letras.

Área de concentração: Linguística e Língua Portuguesa.

Orientadora: Prof^a Dr^a Mônica Nóbrega

JOÃO PESSOA – PB

2007

C672m Coelho, Leila Rocha Sarmiento.
Os movimentos do inconsciente na articulação ironia-
linguagem-verdade / Leila Rocha Sarmiento Coelho.- João
Pessoa, 2007.
75f.
Orientadora: Mônica Nóbrega
Dissertação (Mestrado) – UFPB/CCHLA
1. Linguística. 2. Linguística e língua portuguesa.
3. Relações sintagmáticas. 4. Relações associativas.
5. Metáfora. 6. Metonímia.

UFPB/BC

CDU: 801(043)

UNIVERSIDADE FEDERAL DA PARAÍBA
CENTRO DE CIÊNCIAS HUMANAS, LETRAS E ARTES
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM LETRAS

Dissertação intitulada: Os movimentos do Inconsciente na articulação ironia-linguagem-verdade, de autoria da mestrandia Leila Rocha Sarmiento Coelho, aprovada pela banca examinadora constituída pelos seguintes professores:

Aprovada em: 03 de maio de 2007

BANCA EXAMINADORA


Profa. Dra. Mônica Nobrega
Presidente da Banca
(Orientadora)

UFPB


Profa. Dra. Margarida Maria Elia Assad

UFPB


Profa. Dra. Maria de Fátima Vilar de Melo
UNICAP

João Pessoa - PB

2007

DEDICATÓRIA

Dedico esta pesquisa a todos aqueles responsáveis direta e indiretamente por sua concretização e aos leitores, na perspectiva de uma colaboração aos estudos que enveredam nessa(s) área(s).

AGRADECIMENTOS

Fim de uma etapa vencida.

Nessa jornada, uma história construída.

Dedicação, determinação, dias curtos, noites a fio.

Hoje, sensação de um dever cumprido.

Desejo satisfeito, que se desliza em breve em um doutorado.

Trabalho realizado.

Título de Mestra.

Um compromisso maior: retornar a sala de aula com um conhecimento maior, querendo contribuir para uma educação melhor aos meus alunos.

Nesse retorno, os meus agradecimentos a todos aqueles que fizeram junto comigo essa dissertação, participando das mais variadas formas, a quem prefiro chamar de co-autores. São eles:

Meus pais, Chagas e Zelita, meu agradecimento pelas pilastras dos valores que construíram em mim, me fazendo ser o que hoje sou;

Meus irmãos, Ronaldo, Ricardo, Rusbene, Otávio e Renê (*In memoriam*), pelo carinho e amor que têm por mim;

Meu esposo, Luciano, por entender meus silêncios e distanciamentos, pelo companheirismo, pela força e, sobretudo, pelo amor que tem me dedicado;

Meus filhos, Luciano Renê, Laisson e Lara Maria, que souberam entender minha escolha e compreender minhas ausências e, sobretudo, porque são partes de mim;

Meus mestres, que contribuíram para minha formação acadêmica e profissional, tanto os da graduação, como os da pós-graduação;

Os colegas de turma, pela aprendizagem na interação e pela convivência, que deixou saudades;

A coordenação e secretaria, pela receptividade nas recorrências as mesmas;

Em especial, meus sinceros agradecimentos a minha orientadora, Mônica, que me aceitou como orientada e, sem saber, serviu de “fada madrinha” na realização de um sonho, bem como pelas orientações no decorrer de toda a pesquisa.

A CAPES, pela bolsa, que muito me favoreceu e contribuiu na realização dessa pesquisa;

A UFPB, a oportunidade;

Meus amigos, que também como co-autores, nos momentos de cansaço e estresse, a partilha desses momentos;

Um agradecimento especial, as queridas monjas do Carmelo Sagrado Coração de Jesus e Madre Teresa, pelas orações e palavras de calma, que me fizeram enxergar o amor misericordioso e viver na graça de Deus.

Enfim, a Deus, pela dádiva da vida e pela sensação de sua presença sempre constante em minha vida, em cada momento vivido.

RESUMO

Essa pesquisa de base teórica se desenvolve em uma interface entre linguística e psicanálise, buscando analisar os movimentos do inconsciente na articulação ironia-linguagem-verdade. Para tanto, buscou-se observar na linguística saussuriana, a partir da concepção de língua como um sistema de signos, a produção de sentidos, como constituição de verdades, através da noção de arbitrário, de valor linguístico e, principalmente, das relações sintagmáticas e associativas; pela psicanálise lacaniana, buscou-se analisar a produção de sentidos nos movimentos de metáfora e metonímia, como movimentos formadores do inconsciente. Por fim, buscou-se sistematizar, sob o olhar da estrutura, a produção de sentidos nas duas teorias, tomando a ironia como fio condutor das reflexões. Pode-se deduzir que o modo de funcionamento da língua, descrito por Saussure, assemelha-se ao modo de funcionamento do inconsciente descrito por Lacan, como movimentos constituidores de sentidos, de verdades, embora sejam movimentos que guardam suas especificidades, permanecendo, portanto, distintos. Espera-se, portanto, com essa pesquisa fornecer subsídios tanto para a psicanálise quanto para a linguística, na busca do que pode dizer uma para a outra.

Palavras-chave: Relações sintagmáticas, Relações associativas, Metáfora, Metonímia, Ironia Sentido.

ABSTRACT

This theoretical basic research develops into an interface between linguistics and psychoanalysis trying to analyse the movements of the unconscious in irony-language-truth joint. Therefore it was attempted to observe in Saussure from the conception of language as a system of signs, the production of meanings such as constitution of truths through the notion of arbitrary, linguistic value and mainly of syntagmatic relations and associations – by Lacanian psychoanalysis which attempted to analyse the production of meaning in metaphor and metonymy movements that resulted on the initiation of unconscious movements. Finally, it was sought to systematize with emphasis on structure's perspective the production of meanings in the two theories, taking irony as theme of the reflections. It can be deduced that the language operation mode described by Saussure resembles the operation of the unconscious described by Lacan, as movement's meanings, truths, movements that keep their specificities remaining therefore distinct thou. Consequently, this research provides subsidies for both psychoanalysis and for the language in search of what can be assumed to each other.

Keywords: Syntagmatic relations, associative relationships, metaphor, metonymy, irony, sense.

SUMÁRIO

	APRESENTAÇÃO	10
1	A IRONIA E SUA ARTICULAÇÃO COM A LINGÜÍSTICA SAUSSURIANA PELAS VIAS DAS RELAÇÕES SINTAGMÁTICAS E ASSOCIATIVAS	14
1.1	Introdução	14
1.2	Os movimentos do signo no sistema: um olhar pelas vias da ironia	17
1.2.1	A arbitrariedade como princípio do signo linguístico e elemento que possibilita a construção da ironia	21
1.2.2	O valor linguístico	24
1.2.3	As relações sintagmáticas e as relações associativas como geradoras de sentidos ..	26
1.3	A relação língua e sentido na linguística saussuriana	29
1.4	Considerações parciais	32
2	O INCONSCIENTE E SUA ARTICULAÇÃO COM A LINGUAGEM PELAS VIAS DA IRONIA	34
2.1	Introdução	34
2.2	O inconsciente como condição para a linguagem ou a linguagem é a condição do inconsciente.....	36
2.3	A estruturação da ironia pelas vias do inconsciente	37
2.4	O significante lacaniano	39
2.4.1	A cadeia metonímica e a cadeia metafórica como movimentos estruturais do inconsciente lacaniano	43
2.5	A produção de sentidos em torno dos movimentos de condensação e deslocamento em Freud e de metáfora e metonímia em Lacan	47
2.6	Considerações parciais	51
3	A DIMENSÃO DO INCONSCIENTE NA ARTICULAÇÃO IRONIA- LINGUAGEM-VERDADE	55
3.1	Introdução.....	55
3.2	A articulação dos sentidos nos movimentos constituintes da linguística e da psicanálise	57
3.3	Considerações parciais	70
4	CONSIDERAÇÕES FINAIS	71
	REFERÊNCIAS.....	74

APRESENTAÇÃO

A presente dissertação, intitulada *Os movimentos do inconsciente na articulação ironia-linguagem-verdade*, desenvolve-se em uma interface entre linguística e psicanálise.

Busca-se uma articulação entre as duas ciências, porque se acredita que ambas têm muito a contribuir uma para com a outra. Pela linguística, tomou-se como aporte a teoria linguística de Saussure e pela psicanálise, a teoria de Lacan. Partindo das premissas constitutivas de cada ciência: a língua como um sistema de signos e o inconsciente estruturado como uma linguagem. Delineou-se enveredar pelas vias da estrutura, tendo como objetivo geral dessa dissertação articular a constituição de sentidos que se dá na interface entre linguística e psicanálise pelos seus movimentos constituintes básicos, tomando a ironia como fio condutor das reflexões, a linguagem como elemento comum entre as duas teorias e a verdade como o sentido constituído, tanto nos movimentos do inconsciente, quanto nos movimentos do consciente, nas duas abordagens teóricas.

A pesquisa é de base teórica, com a finalidade de sistematizar um conhecimento que ofereça subsídio não só para a linguística, objetivo maior dessa dissertação, na perspectiva de servir como mais um olhar na busca de compreender as falhas, os ruídos e as incoerências na nossa língua, mas também para a psicanálise, na escuta da palavra, pode encontrar aqui caminhos que subsidiem suas análises.

Enfim, essa pesquisa objetiva contribuir na construção de uma base teórica para estudos empíricos em corpus, em pesquisas posteriores.

Tendo em vista a consecução do objetivo dessa pesquisa, os seguintes passos foram seguidos: uma pesquisa bibliográfica, seguida de uma leitura crítica da teoria dos autores de base: Saussure, pela linguística e Lacan, pela psicanálise e, por fim, uma integração dessas duas abordagens.

Dessa forma, buscou-se analisar a teoria saussuriana, partindo da visão de língua como um sistema de signos e a teoria lacaniana, na perspectiva do inconsciente estruturado como uma linguagem, observando a constituição de sentidos, como constituição de verdades, tendo como fio condutor para a sistematização das reflexões a ironia, mecanismo de linguagem que atende, tanto às formações linguísticas que resultam de um movimento consciente, quanto às formações do inconsciente.

Nessa perspectiva, essa dissertação encontra-se assim dividida:

No primeiro capítulo, encontra-se uma abordagem sobre a linguística saussuriana. Dada a importância dos estudos estruturalistas, faz-se um breve histórico dos estudos em torno da linguagem, a fim de situar a importância da linguística saussuriana para os estudos sobre a linguagem. Depois, tem-se um olhar para as teses centrais do CLG (Curso de Linguística Geral): o signo saussuriano; a arbitrariedade, como princípio do signo linguístico; o valor linguístico, como fator de determinação dos signos, nas relações estabelecidas dentro do sistema; as relações sintagmáticas e as relações associativas (ou paradigmáticas), como movimentos constituintes do sistema da língua e, por fim, analisa-se a relação língua e sentido na linguística estrutural, trazendo sempre a ironia como fio condutor para as reflexões, cumprindo com o primeiro objetivo específico dessa dissertação, que é trabalhar os movimentos do sistema linguístico em Saussure, ou seja, as relações associativas e sintagmáticas, como movimentos de constituição de sentidos.

No segundo capítulo, encontra-se uma abordagem sobre a psicanálise freudiana e a lacaniana, a fim de mostrar a estruturação do inconsciente. Para tanto, observa-se a importância da linguagem, como condição para o inconsciente; a estruturação do signo lacaniano, como distinto do signo saussuriano; a relação significante e significado para Lacan na constituição dos sentidos; os movimentos de Condensação e Deslocamento em Freud; os movimentos de metáfora e metonímia em Lacan e, por fim, a produção de sentido em torno dos movimentos de Condensação e Deslocamento em Freud e Metáfora e Metonímia em Lacan, também tomando a ironia como fio condutor para algumas reflexões, cumprindo com o segundo objetivo específico dessa dissertação, que é trabalhar as formações do inconsciente em Freud, observando os processos de condensação e deslocamento e em Lacan, observando a relação entre condensação e deslocamento e metáfora e metonímia e a produção de sentidos que ocorre nessa relação.

No terceiro capítulo, fechando a dissertação, tenta-se articular as duas reflexões anteriores, enveredando pelas vias da estrutura, buscando ver através do modo de funcionamento de seus movimentos constituintes, a constituição dos sentidos. Para tanto, faz-se uma articulação entre verdade-sintoma-desejo, buscando ver o lugar da verdade na produção de sentidos, desenvolvidos na relação entre os movimentos do inconsciente; desenvolve-se um breve percurso da ironia, a fim de situá-la nas duas teorias e, por fim, pretendendo fazer uma articulação entre a linguística e a psicanálise, mostra-se a produção de sentidos que se dá entre os movimentos do signo linguístico e os movimentos do inconsciente, através da ironia, devendo cumprir, pois, com o terceiro objetivo específico, que é articular a

produção de sentidos que se dá na interface Linguística e Psicanálise, através da ironia, por esses movimentos. Atingindo, assim, o objetivo geral dessa dissertação.

A língua, ou o sistema semiológico, qualquer que seja, não é um barco no estaleiro, mas um barco lançado ao mar. Desde o instante em que ele tem contato com o mar, é inútil pensar que é possível prever seu curso sob o pretexto de que se conhece exatamente as estruturas de que ele se compõe, sua construção interior segundo um plano.

(SAUSSURE, 2004, p. 248)

CAPÍTULO I: A IRONIA E SUA ARTICULAÇÃO COM A LINGUÍSTICA SAUSSURIANA PELAS VIAS DAS RELAÇÕES SINTAGMÁTICAS E ASSOCIATIVAS

1. 1 Introdução

Constituindo-se como social e individual, transformando-nos e sofrendo transformações, capacitando-nos à transmissão do pensamento, servindo como meio de comunicação, mediando nossos gestos, atos, exprimindo desejos e sensações e proporcionando a interação, assim é a linguagem. Esse fenômeno, em princípio, simples, mas extremamente complexa, determinante e determinada, física, fisiológica e psíquica, que permite ser estudada de múltiplos pontos de vista, por pertencer a diferentes domínios.

A busca de entender seus mecanismos, determinar sua estrutura e definir um conceito, se faz presente desde o período clássico, na idade média, tendo seus estudos intensificados do século XVIII ao XX e se fazendo presente até os nossos dias.

Os estudos da linguagem dos séculos XVII e XVIII giravam em torno das gramáticas gerais. Marcados pelo racionalismo e adotando um método puramente introspectivo, propunham-se a universalização da língua, imbuídos no ideal de que ela possui um nível lógico-gramatical, baseado na expressão das formas lógicas do pensamento e nas intenções de comunicação do falante. Dessa forma, a linguagem como mera representação do pensamento, daria suporte para descrever uma língua ideal, lógica, capaz de assegurar a comunicação entre todos os falantes.

O espírito investigativo da primeira metade do século XIX é marcado pela linguística histórica com as gramáticas comparadas, com o objetivo de reconstruir a língua-mãe (protolíngua). Buscavam, através da comparação e da compreensão de que as línguas sofrem mudanças com o tempo de forma regular e sistemática, as semelhanças, um parentesco evidenciado pelos elementos gramaticais fonológicos e morfológicos, para uma origem comum entre o sânscrito, o latim, o grego, o céltico, o gótico e o persa.

Faraco (2004, p. 32) descreve esse momento como:

Estava criado assim o *método comparativo*, procedimento central nos estudos de linguística histórica. É por meio dele que se estabelece o parentesco entre línguas, a partir do pressuposto de que entre elementos gramaticais de línguas aparentadas

existem correspondências sistemáticas (e não apenas aleatórias ou casuais), passíveis de serem estabelecidas por meio de uma comparação cuidadosa e rigorosa. Com esse procedimento, podemos, não só explicar o parentesco entre línguas, como também determinar, por inferência, características da língua ascendente comum de um certo conjunto de línguas.

Na segunda metade do século XIX, um novo enfoque é dado a língua, por um grupo de acadêmicos germânicos da Universidade de Leipzig, conhecidos como neogramáticos, defendendo a tese de que a língua é parte da coletividade dos falantes e não um organismo independente. Nesse contexto, a língua existindo no indivíduo, as mudanças estariam também ligadas a ele, em uma ação recíproca, sendo determinada e determinando-o ao mesmo tempo.

Dessa forma, uma nova perspectiva é desenvolvida para os estudos históricos, na mudança de enfoque de uma língua original para o estudo de línguas vivas, com o intuito de investigar os mecanismos de mudanças através da criação de uma teoria calcada nos princípios fundamentais das leis fonéticas e da analogia, determinados por fatores físicos e psíquicos, através de manifestações fonológicas, morfológicas e, em termos relacionais, sintáticas. Mas, essa perspectiva neogramática, embora trazendo uma grande inovação para a época, foi fortemente criticada por deixar de lado aspectos tão relevantes, como os fatores sociais, idade e sexo.

Para Joseph (1995), parecia que os neogramáticos tinham feito “virtualmente” tudo aquilo que era possível para uma verdadeira ciência da linguagem, dentro de uma ideologia positivista, mas eles deixaram muitos aspectos da linguagem à investigação de campos adjacentes.

O começo do século XX é marcado por uma concepção de língua que mudou o eixo dos estudos linguísticos. A língua como instrumento e meio de comunicação traz para os estudos linguísticos duas vertentes, dentro de um movimento denominado estrutural: a americana e a europeia.

Na afirmação de que cada língua tem sua própria gramática, o estruturalismo americano se funda sob a referência de Leonard Bloomfield.

O estruturalismo europeu é marcado pelas ideias do linguista suíço Ferdinand de Saussure, que pelo seu rigor, seu grau de formalização e método dá à sua teoria autonomia e status de ciência. As ideias saussurianas, com grande repercussão para a época, mudam a maneira de se estudar a língua, bem como a concepção de linguagem vigente. Dada a sua importância teve seus postulados publicados em 1916, como obra póstuma por alunos seus, com a denominação de Curso de Linguística Geral (CLG).

Ao tratar a língua como instituição social, o estruturalismo rompe com os estudos históricos e determina os estudos sincrônicos, cuja intenção era constituir uma teoria de estruturação da linguagem que abrangesse todas as línguas e não uma determinada língua, marcando o nascimento da Linguística. Ilari (2004, p.59), vai dizer que a descrição do sistema linguístico saussuriano não é uma “descrição física de seus elementos, e sim, a descrição de sua funcionalidade e pertinência.

Enfim, é com Saussure, segundo Dosse (1993, p. 67) que:

A abordagem descritiva, a prevalência do sistema, a preocupação em remontar até as unidades elementares a partir de procedimentos construídos e explícitos, tal é a nova orientação, oferecida por Saussure, que vai constituir o menor denominador comum de todos os movimentos estruturalistas.

Em meio a tantos questionamentos ao verdadeiro pensamento da principal expressão desse movimento, grande é a contribuição de Saussure aos estudos linguísticos pelos seus postulados, como na distinção língua x fala, nas noções de significante, significado e signo, na noção de arbitrário e valor, nas relações sintagmáticas e paradigmáticas, enfim, na língua como sistema. Especificamente para essa dissertação que busca analisar as relações dentro desse sistema como constituidoras de sentidos e, sendo assim, como veiculadoras de uma verdade, possibilitando uma articulação entre a ironia, como artifício de linguagem, e sua estruturação dentro de um sistema que produz sentidos, ou seja, a língua como sistema de signos do ponto de vista da linguística saussuriana.

Com este capítulo pretende-se, então, fazer uma abordagem sobre os movimentos do signo no sistema, conforme discutidos por Saussure, através das relações sintagmáticas e associativas, como movimentos que estão na base da ideia de produção de sentidos que envolveria a articulação entre ironia-linguagem-verdade. Para tanto, como ponto de partida, tem-se o objetivo de percorrer o caminho que fundou a linguística estrutural e que constitui as teses centrais do Curso de Linguística Geral – CLG a fim de buscar uma leitura mais profunda, mais elaborada, com um olhar mais atento e curioso para suas ideias acerca do objeto da linguística, do valor relacional dos elementos linguísticos, da autossuficiência do sistema, da necessidade de se dissociar uma linguística sincrônica do âmbito da linguística diacrônica, da natureza do signo e das relações sintagmáticas e paradigmáticas.

1.2 Os movimentos do signo no sistema: um olhar pelas vias da ironia

A ironia tem despertado interesse de muitos pesquisadores, pelo fato do procedimento irônico multiplicar suas faces e suas funções, configurando, assim, diversas estratégias de compreensão e representação do mundo.

De acordo com Brait (1996), observando-se a maneira como os filósofos chamaram a atenção para a ironia durante vários séculos, é possível apreender, na diversidade das abordagens filosóficas, sua contribuição para um estudo discursivo contemporâneo.

A postura desenvolvida por Aristóteles em relação à ironia, que instaura e marca a “noção tradicional”, é traduzida como espécie determinada de disposição e atitude intelectuais próprias de um tipo de ser humano, pelo fato de examinar e por a prova, não os conceitos, mas os próprios seres humanos. Essa caracterização da ironia como atitude tem em Sócrates o modelo primeiro de comportamento irônico, devido ao seu método filosófico, que consistia em levar os homens a se conhecerem a si mesmos. O objetivo é procurar em comum aquilo que não se conhece e se deseja conhecer. Procura-se pela palavra, alguma coisa que está além da palavra, mas que a palavra pode desvelar, ou revelar, a essência das coisas, “o universal”.

De acordo com Bréhier (1977, p. 81), a ironia socrática “timbra em mostrar-lhes que a tarefa é difícil e que acreditam, erroneamente, que se conhecem intimamente”. Pois o homem possui conhecimentos sem o saber, uma sabedoria oculta que vem da sua natureza e origem divina e que se revela pela refutação, uma vez que a refutação é para Mondolfo (1964, p. 164), uma “purificação e libertação da ignorância e encaminhamento à verdade”. Assim, a consciência do não saber, pela revelação do falso saber, torna possível o verdadeiro saber, ou o saber da verdade.

Nessa perspectiva, o processo é dialógico e dialético e tem como mola a contradição que instaura a ironia.

Como articulação entre filosofia e arte, poesia e filosofia, a ironia pode ser traduzida como “o meio que a arte tem para se auto-representar”. Essa fusão agrega à ironia aspectos não só de contradição, mas o de duplicidade como traço essencial a um modo de dizer dialeticamente articulado, de distanciamento entre o que é dito e o que se pretende que seja entendido e a expectativa da existência de um leitor, capaz de captar a ambigüidade propositalmente contraditória.

Artifício que a linguagem, que extrapola qualquer possibilidade de amarração, de clausura, encontra para assumir as mais variadas e ilimitadas formas de se constituir, enquanto

elemento de interação humana, permitindo-nos estudar sua estruturação pelas vias da linguística saussuriana, na medida em que Saussure estabelece a relação significante/significado como arbitrária e estabelece as relações sintagmáticas e associativas como constituintes dos valores do signo.

Rompendo com todo um paradigma vigente dos estudos em torno da linguagem para colocar a Linguística no campo das ciências, Saussure vai em busca de mensurar o objeto da Linguística.

Enquanto se buscava, através das leis fonéticas e da analogia, entender as semelhanças e diferenças entre línguas, na tentativa de reconstituir a língua-mãe, numa análise diacrônica, Saussure vê o interesse de buscar um elemento comum entre as línguas, que fosse capaz de estar presente em todas, não exatamente igual, mas que tivesse uma identidade de relação que permitisse sua sistematização.

Sendo um ato de linguagem constituído por uma emissão de som e uma articulação vocal, isso resultaria, no processo da comunicação, em uma unidade complexa de união entre uma forma e um conceito, uma ideia, que envolve fatores físicos, fisiológicos e psíquicos. Nessa articulação, a linguagem é percebida como um ato individual e um ato social, que se implicam mutuamente.

Saussure vai tomar isso como sendo o primeiro grande passo para a definição do objeto da Linguística. Como ato individual, estão envolvidos os fatores físicos e psíquicos, uma vez que se constitui pela ação individual na escolha do código e no mecanismo de execução, diferindo de indivíduo para indivíduo, o que tornaria impossível tomar esse ato individual como objeto de sistematização, dada a sua heterogeneidade. Como ato social, a linguagem se apresenta como uma convenção determinada pelos falantes de uma mesma comunidade, todos reproduzem de maneira similar os mesmos signos, unidos aos mesmos conceitos, assumindo um caráter homogêneo e se tornando passível de análise. Nessa perspectiva, Saussure encontra o liame que possibilitaria a sistematização da linguagem e permitiria delinear o objeto da Linguística.

Assumiria, então, a linguagem um caráter dialético, composta por uma parte individual – denominada de **fala** – e uma parte social e histórica – denominada de **língua**, fruto da coletividade dos falantes e que, pelo seu caráter sistêmico é tomada como objeto da Linguística.

Partindo da premissa que a língua é um sistema de signos, Saussure inaugura um corte epistemológico invertendo o método, pois, partindo dessa premissa maior, estabelece uma ciência metafísica como princípio para a construção da epistemologia da língua.

Para ele, a língua não representava uma nomeação natural entre a palavra e o objeto, ou seja, a língua não é uma nomenclatura, uma réplica da realidade, que está externa ao homem para representar um vínculo real entre o termo e a coisa, conforme postulava a herança aristotélica.

Essa maneira de conceber a língua leva a entendê-la como algo pronto, acabado, estático. Se a língua assumisse assim esse caráter, como se explicariam tantos fatos linguísticos como uma palavra ter mais de um significado ou mesmo o desaparecimento de certas línguas? E ainda mais: Qual sua finalidade? Para Saussure (2004, p. 154):

A língua é, por excelência, um meio, um instrumento, obrigado a realizar constantemente e imediatamente seu objetivo, seu fim e efeito: se fazer compreender. Os usos de um povo são, muitas vezes, um fim, (como as festas), ou um meio muito indireto. E como o objetivo da linguagem, que é se tornar inteligível, é de absoluta necessidade em qualquer sociedade humana, no estado em que as conhecemos, resulta daí que a existência de uma linguagem é própria de toda sociedade.

É a partir daí que conseguimos entender tão bem não só a finalidade da língua, bem como a relação entre significante e significado na constituição do signo em Saussure. Visão esta retomada no CLG, que apresenta a língua como sendo, ao mesmo tempo, um “produto social da faculdade humana” e “um conjunto de convenções necessárias, adotadas pelo corpo social” que permite o *se fazer compreender*, ou seja, “entre todos os indivíduos assim unidos pela linguagem, estabelecer-se-á uma espécie de meio termo; todos produzirão – não exatamente, sem dúvida, mas aproximadamente signos unidos ao mesmo conceito” (SAUSSURE, 1989, p. 21).

Essa maneira de ver a língua vai subsidiar Saussure na sistematização de sua teoria ou, como ele mesmo diz no CLG, aproximá-lo da verdade, uma vez que para ele, a unidade linguística, denominada de signo, é “uma coisa dupla, constituída da união de dois termos” (SAUSSURE, *Idem*, p. 79). Contrapondo-se ao ponto de vista precedente, Saussure vai dizer que o signo linguístico une não uma palavra a um objeto, mas “um conceito a uma imagem acústica”. Um conceito, que caracterizaria o objeto e uma imagem acústica, que representaria não um som material ou a coisa puramente física, “mas a impressão (*empreinte*) psíquica

desse som, a representação que dele nos dá o testemunho de nossos sentidos” (SAUSSURE, *Idem*, p. 80), uma imagem puramente sensorial.

Seria então o signo linguístico visto como uma entidade psíquica de “duas faces”. Dois elementos que manteriam relações de reciprocidade, mas não de dependência, de vínculo natural.

A relação conceito/imagem acústica, designados posteriormente por significado e significante é palco de mal entendidos a até hoje suscita questionamentos, uma vez que ao se fazer a leitura pelo CLG, pela figura apresentada, esses dois elementos aparecem inter-relacionados, dando a impressão de estarem colados um ao outro, percepção essa acentuada pela presença das setas. Eis o que Tullio de Mauro (1995, p. 441) nos apresenta em referência a isso na nota 132:

Eis uma das passagens que revelam as conseqüências bastante graves das intervenções aparentemente modestas dos editores. Apenas as duas primeiras figuras provêm das fontes manuscritas: a terceira, com o desenho da árvore, foi acrescentada, assim como as flechas nas três figuras, a frase “Esses dois elementos estão intimamente unidos e se chamam um ao outro” (frase que traduz as flechas em palavras) e o emprego de *palavra* para designar *arbor*. O resultado de tudo isso é que o leitor tem a impressão de que, para Saussure, o significante é o vocábulo, o significado a imagem de uma coisa, e que um chama o outro, como o sustentam aqueles que pensam que a língua é uma nomenclatura.

Assim a relação significado/significante constitui-se por diferenças puras, constituindo um sistema de signos fruto de uma coletividade. É nessa perspectiva que Saussure (2004, p. 248) vai tão bem definir a língua, dizendo:

A língua, ou o sistema semiológico, qualquer que seja, não é um barco no estaleiro, mas um barco lançado ao mar. Desde o instante em que ele tem contato com o mar, é inútil pensar que é possível prever seu curso sob o pretexto de que se conhece exatamente as estruturas de que ele se compõe, sua construção interior segundo um plano.

Essa visão saussuriana permite delinear um panorama dos estudos linguísticos que objetivavam a sistematização das línguas. Todavia, partindo sempre de uma intenção epistemológica, os estudos históricos imbuíam-se dos fenômenos internos, como fundamentos para a sistematização de uma língua. Saussure, partindo do pressuposto de que era preciso abordá-la de fora, tira a ênfase do processo epistemológico e traz para uma razão metafísica. Ou seja, não era indo buscar a origem, um elo comum entre as línguas que estaria a base para

uma sistematização, mas no processo de sua realização. Essa mudança de perspectiva redimensiona os estudos linguísticos e dá a Saussure sua especificidade, na medida em que ele tomando da filosofia certos conceitos, reelabora-os como o conceito de signo e de arbitrário.

Pode-se dizer que Saussure rompe com uma linguística epistemológica e a traz para a materialidade do significado e do significante.

1.2.1 A arbitrariedade como um princípio do signo linguístico e elemento que possibilita a constituição da ironia

Ao determinar uma linguística sincrônica e definir o objeto da Linguística, Saussure vai trazer a arbitrariedade como um princípio constitutivo do signo, levando em consideração o fato de se contrapor ao vínculo natural entre o significado e o significante, como pensavam as teorias psicologizantes e pelo fato de ser a língua social.

Empregar, de forma consequente, a ideia de arbitrário, é separar, em primeiro lugar, a noção de signo como representante de uma ideia, é partir do princípio de que não há nenhuma relação analógica com o significado que representa, embora não seja isso claramente colocado no CLG.

Quando se fala em arbitrário, pensa-se numa resolução que depende só da vontade, de uma imposição, de uma determinação. Associá-lo ao arbitrário designado por Saussure para constituir uma das características elementares do signo é distorcer o sentido por ele veiculado ao se referir à língua como social.

Mal entendido consequente até mesmo pela forma como foi colocado no CLG, gerando essas distorções do verdadeiro pensamento de Saussure e tornando esse conceito grandemente opaco. Bouquet (2000) relaciona essas distorções a partir do fato da própria colocação da palavra signo, pois até antes da distinção significado/significante, essa palavra foi usada por Saussure para designar apenas o significante. Dessa forma, o que se refere ao arbitrário do signo, no CLG, deveria ser denominado de “arbitrário do significante”.

Esse conceito, embora alvo de grandes distorções e muitos mal entendidos é base para a compreensão da linguística saussuriana, principalmente para a língua como um sistema, onde todos os elementos interagem, através do fio condutor da arbitrariedade. Assim, esse conceito, em referência a uma propriedade global do signo, não tem nada de opaco.

O termo arbitrário é, então, empregado por Saussure, de acordo com Bouquet (2000), para se referir a duas relações bem distintas. De um lado, a relação que envolve significante e significado, ou seja, o significante de cada signo é livremente determinado pelas línguas, constituindo uma relação interna do signo; Assim, não há nenhum vínculo natural entre o significado e o significante, ou seja:

A ideia de “mar” não está ligada por relação alguma interior à seqüência de sons m-a-r que lhe serve de significante; poderia ser representada igualmente bem por outra seqüência, não importa qual; como prova, temos as diferenças entre as línguas e a própria existência de línguas diferentes: o significado da palavra francesa *boeuf* (“boi”) tem por significante *b-ö-f* de um lado da fronteira franco-germânica, e *o-k-s* (*Ochs*) do outro (SAUSSURE, 1989, p.81).

Caracterizar o signo como se fosse uma imitação do seu objeto, como era o pensamento clássico, ao qual Saussure se contrapôs, significaria que esse signo seria explicável em si mesmo, independentemente de outros signos. E pensar dessa forma, é “ver o signo de forma isolada, sem nenhum tipo de relação interna necessária entre os signos da língua”, como afirma Lopes (1991, p. 84); é não levar em consideração a noção de sistema e, ainda, é não tomar a língua como social. Ou seja, a relação de arbitrário também envolve a noção de valor, que envolve relações entre os signos em si, com os outros no sistema.

De outro lado, a relação que une entre eles os termos do sistema da língua, ou seja, o “corte” da “matéria a significar” que se opera ao sabor das línguas, constituindo o arbitrário sistêmico-semântico do signo.

Esse duplo fato que se conjuga em um fenômeno complexo é o que permite que as línguas se definam e sejam diferentes umas das outras. Dessa forma, “*arbitrário*¹ significa estritamente, num caso como no outro, *contingente a uma língua* – sendo que essa contingência, na perspectiva interna da dita língua, é uma *necessidade*” (BOUQUET, 2000, p. 234).

Temos, então, um arbitrário absoluto e um arbitrário relativo. No primeiro, um conjunto de massas amorfas, uma vez que não há nada que sustente um vínculo natural entre as ideias e os sons. No segundo, o “corte”, constituindo pontos fixos de amarração, que se opera ao sabor das línguas, pela coletividade dos falantes, decorrente de um sujeito pensante cartesiano, produzindo sentidos. Enfim, “a teoria saussuriana coloca sobre uma metafísica do cogito – do sujeito pensante – o arbitrário como razão do signo linguístico: a teoria do signo é

¹ Os itálicos são do autor.

reelaborada na ordem da especificidade linguística, ou seja, na ordem geral da especificidade de toda língua em particular” (BOUQUET, 2000, p. 238).

Assim, a língua por ser uma convenção social desvincula sua dependência de uma livre escolha dos falantes, destacando a importância do social na sua constituição. Ou seja:

Não se trata de negar o papel da sociedade no campo linguístico, muito pelo contrário, trata-se de "situá-la em um nível mais fundamental: a sociedade é condição de existência da língua e o movimento constitui o princípio de uma e da outra, os signos só existem na e através da “massa social” que os coloca em circulação nas trocas de falas; assim se faz a transmissão da língua que não é recebida de outra forma senão por “herança”” (NORMAND, 2000, p. 128).

Uma herança que se estabelece como uma espécie de convenção, que se assume sem questionar sua origem, atribuir validade, ou até mesmo, determinar modificações. Isso acontece porque, segundo Saussure (1989, p. 87), “os indivíduos em larga medida, não têm consciência das leis da língua”.

Assim, o próprio sistema é responsável pelos movimentos numa ação recíproca entre seus constituintes, pela troca de relações entre o meio-indivíduo-língua, fazendo com que a língua ao mesmo tempo em que determina os indivíduos, seja determinada por eles; na medida em que os modifica, seja modificada por eles.

Nóbrega (2001, f. 74), resume a noção de arbitrariedade do signo apresentando as seguintes características importantes para a constituição do sistema linguístico:

- 1) O signo não tem uma referência externa, portanto só pode ser compreendido dentro do sistema;
- 2) A língua escapa ao sujeito falante, pois não é ele quem determina suas relações, ele apenas as recebe, como tesouro resultado de uma coletividade;
- 3) Não se pode explicar uma origem para os signos porque todo o seu funcionamento, sua vida, acontece na relação com os outros signos em um sistema. Para que isto aconteça, é fundamental que o “contrato” entre significante e significado não tenha sido obra individual, consciente, baseado em alguma racionalidade.

Contudo, isso não significa que essa arbitrariedade ligada ao caráter social da língua dê a língua um caráter imutável. Ao contrário, é pelo fato dos signos dependerem, na sua existência e destino da sociedade, que eles podem mudar. Portanto, “arbitrário e social são duas maneiras de designar a mesma propriedade fundamental da língua, a existência de uma

ordem interna, que nada determina fora do estado momentâneo de seus termos” (NORMAND, 2000, p. 65).

Isto quer dizer que os fatores que levam à mutabilidade e imutabilidade dos signos escapam a nossa vontade e se encontram na relação dialética entre o peso da coletividade e o tempo que compõem o sistema da língua.

Assim, a tese do arbitrário em Saussure se contrapõe a todo um pensamento que trazia uma relação natural entre o objeto e a matéria a significar e descartava o sujeito dessa ação. Além disso, dessa tese resulta a noção de valor, tão importante também nessa constituição da língua como sistema de signos.

Dessa forma, os signos são indissociavelmente arbitrários e sociais.

1.2.2 O valor linguístico

A leitura do CLG nos conduz a múltiplos olhares. Dizer que o sentido não está presente na linguística saussuriana é uma delas. Se, por outro lado, deseja-se buscar o sentido nele presente, eis um ponto de produção: o valor linguístico.

Se se volta um olhar para trás, corre-se o risco de achar que Saussure precisou a Linguística partindo de uma premissa menor à premissa maior, para chegar a uma noção de estrutura. Isso significaria adotar um método introspectivo e voltar a uma teoria psicologizante. Da apresentação do objeto da Linguística até as relações associativas e sintagmáticas, podemos ter uma visão nebulosa, se os tomarmos como elementos isolados, sem nenhum encadeamento e sem levar em consideração o fio condutor de toda sua linguística: a visão de sistema, sempre presente e intrínseca a cada unidade linguística, como na noção de valor.

Partindo dos dois elementos que fazem parte do funcionamento da língua, as ideias e os sons, Saussure (1989, p. 130) vai dizer que a língua se apresenta “como uma série de subdivisões contíguas, marcadas simultaneamente sobre o plano indefinido das ideias confusas e sobre o plano não menos indeterminado dos sons”. Dois caminhos paralelos que não se confundem, mas que se articulam, dando ao pensamento a capacidade de expressão, uma vez que o pensamento em si é apenas uma “massa amorfa e indistinta” ou como uma “nebulosa onde nada está necessariamente delimitado” (SAUSSURE, *Idem*, p. 130).

Não se trata da materialização do pensamento, nem tampouco da “espiritualização” de sons. Quando esses elementos – pensamento/som – entram em relação com outros, Saussure vai dizer que de forma misteriosa ocorre um corte ou divisões entre as duas massas amorfas, constituindo os signos e determinando seus valores.

Se a língua é um sistema de signos, o começo está aí, isto é, é a partir dessa proposição que se deve tomar toda a teoria saussuriana. E isso significa que tanto a noção de arbitrário, quanto a de valor, não deve ser vista fora dessa realidade, para não se correr o risco de reduzir sua relevância. Portanto, o valor linguístico, assim como a arbitrariedade, se constitui pela dupla relação: a que une o significado a um significante, constituindo um valor absoluto, *in praesentia*; e o que é estabelecido pelas relações que um termo mantém com outros no sistema, *in absentia*, constituindo valores relativos, ou seja:

- 1º. Por uma coisa *dessemelhante*, suscetível de ser *trocada* por outra cujo valor resta determinar;
- 2º. Por coisas *semelhantes* que se podem *comparar* com aquela cujo valor está em causa (SAUSSURE, 1989, p. 134).

Atrelar um conceito a uma imagem acústica vendo o termo isoladamente, constitui-se na ideia de significação e não de valor. A relação significado/significante em si é só um elemento de significação, “um domínio fechado em si próprio”, o que resultaria “isolá-lo do sistema do qual faz parte; seria acreditar que é possível começar pelos termos e construir o sistema fazendo a soma deles” (SAUSSURE, 1989, p. 132). Mas não é essa a visão saussuriana, pelo contrário, para ele “cumpre partir da totalidade solidária para obter, por análise, os elementos que encerra” (SAUSSURE, *Idem*, p. 132).

Esse princípio paradoxal constitui-se na medida em que ocorrem os cortes entre o pensamento e o som, esses cortes são produzidos numa relação dialética, em que a forma resultante da intersecção dessas massas amorfas obterá um valor resultante de uma relação de troca – uma palavra pode ser trocada por um outro conceito, uma outra ideia – e uma relação de comparação – uma palavra pode ser comparada com outras de valores semelhantes.

Dessa forma, os valores que constituem o sistema da língua “não consistem nem nas formas nem nos sentidos, nem nos signos e nem nas significações. Eles consistem na solução particular de uma certa relação geral entre os signos e as significações, estabelecida sobre a diferença geral dos signos, mais a diferença geral das significações, mais a atribuição anterior de certas significações a certos signos ou reciprocamente” (SAUSSURE, 2004, p. 31).

Assim o valor será fixado nas relações que ocorrem entre os termos no sistema arbitrariamente determinados pela massa social. Isto é:

Toda espécie de valor, mesmo usando elementos muito diferentes, só se baseia no meio social e na força social. É a coletividade que cria o valor, o que significa que ele não existe antes e fora dela, nem em seus elementos decompostos e nem nos indivíduos (SAUSSURE, 2004, p. 250).

O valor não está atrelado a um conceito, senão o princípio da arbitrariedade seria inócuo. É o princípio da arbitrariedade que traz a determinação do valor, que será sempre construído numa relação dupla de semelhança e de substituição, ao mesmo tempo, estabelecido pela coletividade.

Para Fehr *apud* Nóbrega (2001, f. 79), “os signos linguísticos sendo, por princípio, arbitrários e, por isso mesmo, não tendo outra sustentação senão a do valor que têm em um sistema de língua, não são jamais suscetíveis de uma determinação absoluta”. Assim a determinação será sempre estabelecida pela relação com os outros signos, permitindo a variação.

Portando, sem perder de vista a língua como sistema de signos, os valores são estabelecidos pela coletividade, de forma arbitrária dando a eles o caráter relativo, que se constitui numa relação, tanto sintagmática, quanto paradigmaticamente.

É nessa perspectiva, que se pode dizer que Saussure parte de uma metafísica da linguagem para constituir sua epistemologia e que entender o valor, requer como pré-requisito básico o entendimento da noção de arbitrário, para se chegar às relações sintagmáticas e associativas, que permitem a constância e a mudança dos valores de uma língua.

1.2.3 As relações sintagmáticas e as relações associativas como geradoras de sentidos

Parece culminar aqui a linguística saussuriana. Se a língua é um sistema e, enquanto tal, tudo se baseia em relações, são elas o ponto de chegada ou partida?

Estando os valores determinados por relações de semelhança e de troca concomitantemente, Saussure vai denominar à primeira, o nome de relações sintagmáticas e à segunda, de relações paradigmáticas.

Para Saussure (1989, p. 142), na relação sintagmática:

Os termos estabelecem entre si, em virtude de seu encadeamento, relações baseadas no caráter linear da língua, que exclui a possibilidade de pronunciar dois elementos ao mesmo tempo. Estes se alinham um após o outro na cadeia da fala. Tais combinações que se apóiam na extensão, podem ser chamadas de sintagma.

Os signos falados formam uma cadeia, em que as palavras presentes nela contraem certas dependências, fundando o caráter linear da língua. Essa dependência que existe entre os elementos sequenciais de uma mesma cadeia chama-se relação sintagmática, onde o valor de um termo é determinado pela relação que mantém com o termo que o precede ou com o que o segue, ou ainda com ambos.

Tomada em sua superficialidade como demasiadamente simples, a linearidade como uma das características essenciais do signo, se desenvolve unicamente no tempo e assume características que toma do tempo, como a de se representar por uma extensão, mensurável em uma só dimensão: uma linha.

Para Nóbrega (2001, f. 78), “a ideia de signo em Saussure abre um leque de “leis” ou características que preparam ou constituem uma noção mais geral”, que é a de sistema. Ou seja, compreender a linguística saussuriana é estudá-la sem perder de vista seu determinante: a língua é um sistema de signos. Portanto, desde as noções preliminares, como os constituintes do signo, triunfam na linearidade como uma extensão, uma linha, uma cadeia, um sistema.

Mas, como se viu, as relações estabelecidas no sistema de uma língua não se dão somente em sua linearidade, há as relações que mesmo não estando presentes na cadeia sintagmática fazem parte do discurso, uma vez que “as palavras que oferecem algo de comum se associam na memória e assim se formam grupos dos quais imperam relações muito diversas” (SAUSSURE, 1989, p. 143).

Embora presentes concomitantemente no sistema linguístico, as duas relações coexistem de maneiras diferentes – a primeira (sintagmática) ocorre *in praesentia*; repousa em dois ou mais termos igualmente presentes numa série efetiva – a segunda (paradigmática), por sua vez, une termos *in absentia*, numa série mnemônica virtual.

Devido ao caráter linear do significante, não se pode utilizar senão um termo a cada unidade de tempo. Mas, os termos ao se fazerem presentes na cadeia sintagmática, implicam sempre em uma seleção de um determinado termo que se encontra numa relação paradigmática, que exclui, automaticamente, todos os demais termos que se encontram *in*

absentia e que poderiam aparecer no mesmo ponto da cadeia. Uma escolha de termos nem sempre está associada ao que possuem em comum, pois:

Os grupos formados por associação mental não se limitam a aproximar os termos que apresentam algo em comum; o espírito capta também a natureza das relações que os unem em cada caso e cria com isso tantas séries associativas quantas relações diversas existirem (SAUSSURE, 1989, p. 145).

Caso que ele exemplifica, mostrando que essa escolha pode estar associada tanto a forma quanto ao sentido, vista no caso de *ensino*, *ensinamento* e *ensinemos*, cuja associação ocorre pela forma, bem como em *ensino*, *instrução*, *aprendizagem*, *educação*, que se associam pela ligação semântica.

Por ser de natureza mnemônica virtual, as relações paradigmáticas, em si, desencadeiam um número infinito de termos, que se associam mutuamente e que poderiam ocupar o lugar na cadeia sintagmática, mas é exatamente a existência desta, que põe controle e determina o termo a ser utilizado.

Nóbrega (2001, f. 89) vai fazer uma observação importante em relação às relações paradigmáticas, em referência ao que Saussure diz que elas se dão “fora da língua”:

Se voltarmos à ideia de arbitrariedade, entenderemos que este fora não se dá, como já enfatizamos, com relação a um referente externo à língua (como talvez a expressão – infeliz na nossa opinião – deixe resvalar), mas a um elemento que, mesmo estando fora da cadeia sintagmática, está marcado na memória de um outro elemento nela presente, ou seja, um elemento que pertence ao sistema da língua e só pode ser considerado como “fora” se relacionado às relações sintagmáticas.

Uma vez que as relações associativas se encontram inscritas fora da língua, qual o seu lugar? Poder-se-ia questionar.

Quando Saussure as designa como sendo de natureza mnemônica virtual, pode-se deduzir que estariam na memória, no inconsciente, ou no subconsciente, não importa, o que mais chama a atenção é que elas instauram a presença de um sujeito falante. Um sujeito falante mediado pela linguagem e a ela subvertido, ativo e passivo reciprocamente, constituindo e sendo constituído, numa relação dialética que se define pela arbitrariedade que permeia todas essas relações.

De acordo com Nóbrega (2001, f. 90):

É na união das duas relações que se tem um sujeito de fala que, assim como o sistema linguístico, caminha entre a homogeneidade de um sentido que produz e que

permite que ele fale, e a heterogeneidade dos sentidos que sempre lhe escapam porque frutos de uma coletividade, “criações” arbitrárias.

Enfim, a existência de uma relação pressupõe o aparecimento da outra. Bem como o significado/significante são elementos distintos que compõem o signo, mas que se implicam, assim também são as relações sintagmáticas e paradigmáticas, coisas distintas, mas que se completam para constituir o sistema linguístico, possibilitando as mais variadas formas de comunicação.

Vale ressaltar ainda, a importância tanto dos elementos que compõem a cadeia sintagmática, as entidades concretas, como os termos que flutuam em torno dessa cadeia, constituindo a cadeia paradigmática; uma vez que, são nessas cadeias, pela ação recíproca, que se abrem as perspectivas para a existência de um sujeito e da variação e mudança nos estudos estruturalistas, bem como da construção da ironia.

Consistindo a ironia em usar uma palavra ou enunciado para dizer uma coisa e significar outra, percebe-se um jogo na relação significado/significante, que só se realiza na medida em que o vínculo entre esses dois elementos que compõem os signos não é natural. Se a relação entre o objeto e o conceito fosse absoluta, significaria que teríamos para cada objeto um conceito, sendo impossível esse mesmo objeto assumir mais de um conceito. Caso contrário, se a relação entre esses termos é arbitrária, na concepção saussuriana, isso significa que ela é relativa, ou seja, um signo isolado é só um signo. É no sistema, como a língua funciona, que essa relação entre eles assume um valor, constitui-se de sentidos, possibilitando, assim, a constituição da ironia, ou seja, a possibilidade de, como foi colocado, dizer uma coisa e significar outra.

Dessa forma, são as relações sintagmáticas e associativas, constituintes do sistema linguístico, que estabelecem o valor, o sentido do signo, permitindo a constituição de um enunciado irônico, na medida em que para entender o sentido proposto pela ironia é necessário recorrer à cadeia paradigmática. É, portanto, no jogo significado/significante, relações sintagmáticas/associativas, que os sentidos se constituem, que a ironia se torna possível.

1.3 A relação língua e sentido na linguística saussuriana

Na sistematização do conhecimento científico, as várias áreas do conhecimento se debruçam na definição de seus objetos de estudo para adquirir a cientificidade. Nessa época, século XIX, a Linguística assume o status de ciência e nasce a Linguística Moderna, com o objeto definido e sistematizado e com seus postulados criados.

Os estudos em torno da linguagem tomam novos rumos na medida em que surge a necessidade de aprofundar e ampliar seu conhecimento, quando a língua é tomada, também, como processo de interação.

É nas correntes denominadas interacionistas que vemos o afloramento dos estudos em torno do sentido. Mas, em um olhar mais debruçado e curioso, pode-se perceber a presença do sentido, mesmo onde escapava à filosofia dominante e à competência do lingüista, por ser mentalista e subjetiva à questão do sentido, como é o caso dos estudos estruturalistas.

Segundo Benveniste (1989, p. 222), o sentido é compreendido como “a noção implicada pelo termo mesmo da língua como conjunto de procedimentos de comunicação identicamente compreendidos por um conjunto de locutores”. Esse conceito nos leva a deduzir que se tem no signo a materialidade do sentido.

Benveniste (1989, p. 225) classifica o sentido em duas perspectivas, ou seja, para ele existem duas maneiras de ser língua, no sentido e na forma – a língua como semiologia e a língua como semântica.

A língua para a semiologia está na relação de oposição com outros signos, que o definem e delimitam no interior da língua. Enquanto que a língua para a semântica está no uso, na ação. De um lado, o signo em si, do outro, o signo na frase. Nessa perspectiva, o sentido da frase é diferente do sentido das palavras, ou seja, do semiótico ao semântico há uma mudança radical de perspectiva.

Nessa constatação, Benveniste (1989, p. 230) afirma que o sentido na acepção semântica “se realiza na e por uma forma específica, aquela do sintagma, diferentemente do semiótico que se define por uma relação de paradigma”.

Essa relação forma/sentido remete-nos a Saussure ao definir a língua como sistema significante.

Na compreensão de que a língua é um pensamento organizado, Saussure esboça os dois elementos que fazem parte no seu funcionamento: as ideias e os sons. Esses elementos, que na associação constituem o signo. O signo, em sua forma isolada, apresenta uma significação. Uma significação arbitrária, estabelecida pela coletividade. Mas, a língua é um

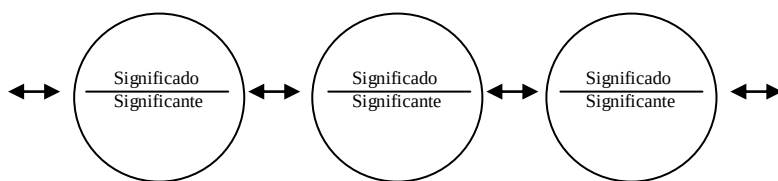
sistema de signos e, enquanto sistema, os signos se relacionam com outros signos constituindo cadeias, revestidas de valor, produzindo sentidos.

Portanto, o signo assume não só uma significação na relação significado/significante como entidade isolada, bem como uma outra, na qual se estabelece na relação com outros signos da língua, como um termo no interior de um sistema, determinado por Saussure de valor.

Para ele (1989, p. 133), a primeira significação se estabelece na diferença, o signo tomado de forma isolada:



A segunda, nas relações:



Assim, pois, as relações e diferenças entre os termos linguísticos se desenvolvem em duas esferas distintas. Através do encadeamento, os termos de uma língua estabelecem relações baseadas no seu caráter linear, impossibilitando a pronúncia de dois elementos ao mesmo tempo e determinando um sentido que se dá na articulação dos elementos desse sintagma. As palavras mantêm uma relação de associação no mesmo campo semântico, que permite a escolha dos elementos para preencher uma função proposicional. A primeira, como se viu anteriormente, Saussure determinou de relações sintagmáticas e a segunda de relações paradigmáticas ou associativas. Segundo ele, “a relação sintagmática existe *in praesentia*; repousa em dois ou mais termos igualmente presentes numa série efetiva. Ao contrário, a relação associativa une termos *in absentia* numa série mnemônica virtual”.

Vê-se, então, que há toda uma produção de sentidos na linguística saussuriana, na medida em que se olha para as relações que envolvem o signo linguístico, para a relação de valor, que ao se constituir pelas relações associativas e sintagmáticas, dentro do sistema, produz sentidos.

1.4 Considerações parciais

As considerações que geralmente se faz da linguística saussuriana, é de ela não tratar da questão do sentido. Ao colocar a linguística no campo das ciências, Saussure teria privilegiado a língua como objeto por ser passível de sistematização. Mas, isso não significa uma impossibilidade de buscar na sua teoria a presença de uma constituição de sentidos. O caminho é apontado pelo conceito de arbitrário, pela noção de valor e pelas relações sintagmáticas e associativas, que nos oferecem a visão da língua como um sistema de signos.

Olhar Saussure em sua leitura superficial é ver uma linguística ausente em relação à constituição de sentidos da língua. Em um olhar mais cuidadoso, entretanto, pode-se perceber a presença dos sentidos margeando toda a sua teoria e possibilitando, no caso dessa dissertação, uma articulação entre ironia-linguagem-verdade.



É que não metaforizo a metáfora nem metonímizo a metonímia para dizer que elas equivalem à condensação e à transposição no inconsciente. Mas desloco-me com o deslocamento do real no simbólico, e me condenso para dar peso a meus símbolos no real, como convém para seguir o inconsciente em sua pista.

(Entrevista de J. Lacan na Rádio-Televisão da Bélgica, em junho de 1970)

CAPÍTULO II: O INCONSCIENTE E SUA ARTICULAÇÃO COM A LINGUAGEM PELAS VIAS DA IRONIA

2.1 Introdução

Assim como Copérnico demonstrou que a Terra não é o centro do universo e Darwin retirou o homem do centro da criação, Freud descobriu que o homem é regido por forças que escapam à consciência e revela que o inconsciente é a *Outra Cena*, uma vez que o ser humano não possui domínio de si mesmo.

A existência de um pensamento inconsciente, operando continuamente, redimensiona de maneira radical o cogito cartesiano (penso, logo sou), que determinava o homem como dotado de razão, na medida em que há algo que pensa nele, que trama a sua revelia.

Ao analisar os processos psíquicos inconscientes Freud determinará que estes se encontram submetidos à dimensão psíquica da linguagem e aos pontos de apoio nos quais esta dimensão se sustenta, através da transferência de conteúdo e de intensidade psíquica. Isto é, a transferência é a base do inconsciente freudiano que se articula pela linguagem.

Era pela palavra que o inconsciente se denunciava, era ela que se designava como sintoma de algo recalcado; era a palavra, então, o fio condutor, para conduzi-lo às formações do inconsciente.

Assim como Freud, Lacan, numa visão de um inconsciente que possuía uma estrutura, vai analisá-lo como uma letra, um sistema letrado, cuja estrutura se assemelha a da linguagem. Para ele, o inconsciente é o outro de mim mesmo, que me envia de volta minha própria imagem, de forma invertida no discurso concreto.

Estaria, então, o homem constituído de duas esferas: uma consciente, força que o dota de uma razão, de uma autonomia, de um querer, de um dizer que abre as portas para um não dito que se manifesta no dito, anunciando uma outra dimensão que extrapola seu querer, seu dizer, constituindo um inconsciente, ou seja, através do discurso consciente, outro discurso vem a insinuar-se, propulsar-se nas lacunas, constituindo um discurso do Outro: o outro do sujeito, vai dizer Lacan.

Em meio ao terreno inconsistente que movia a psicanálise, Lacan vai em busca de sistematizar uma teoria para dar à Psicanálise um estatuto de ciência, assim como aconteceu para a Linguística, através dos estudos de Ferdinand de Saussure.

Tendo Freud identificado a existência do inconsciente e estudado suas formações pela indução, ele marcou a história da humanidade, mas não atribuiu à Psicanálise o caráter de Ciência.

Lacan, tomando de Freud suas premissas, inverte o método. Partindo de uma premissa maior – a noção de estrutura – e, tomando a linguística saussuriana como paradigma, estrutura o inconsciente como uma linguagem e dá à Psicanálise seu lugar no campo das ciências.

A proposição de que todas as manifestações psíquicas possuíam em comum o caráter de significar outra coisa bem diferente do que significam imediatamente, levou Lacan à dedução de que o próprio ato da linguagem é que faz advir o inconsciente. A partir daí, pela analogia aos dois princípios fundamentais da linguística saussuriana: o da distinção entre significante e significado e os dois eixos da linguagem, ele funda sua tese de o inconsciente ser estruturado como uma linguagem.

Pode-se dizer que o corte epistemológico de Saussure, ao colocar a língua como sistema, associa-se ao corte de Lacan, que não está na ideia do pai vista na teoria freudiana, mas na linguagem, como elemento de inserção do sujeito ao simbólico, permitindo ao ser humano ser sujeito e/ou assujeitado da Lei, que o instaura e o introduz no mundo. Ou seja, não é a figura paterna propriamente dita, mas o reconhecimento da função de um representante da Lei, de um lugar de interdição, constituído pela palavra. Portanto, “só a palavra dá ao pai uma função privilegiada e não o reconhecimento de seu papel na procriação” (LEMAIRE, 1989, p. 128).

Tomando a fala, a palavra, a letra como instrumento de análise para o psicanalista, Lacan (1998, p. 498) vai dizer que “...para-além dessa fala, é toda a estrutura da linguagem que a experiência psicanalítica descobre no inconsciente”.

A partir daí, demonstrar como o inconsciente se estrutura via linguagem torna-se seu objetivo.

Tendo a linguagem como aporte para a estruturação do inconsciente, Lacan parte do algoritmo saussuriano, que funda a Linguística, para constituir o da Psicanálise:

Estando o algoritmo saussuriano assim definido: Significado, como ordens distintas,
Significante
Lacan vai dizer que essa distinção vai muito mais além do relativo à arbitrariedade do signo e da correspondência biunívoca entre a palavra e a coisa, uma vez que “a equivocação e o desconhecimento são um caráter fundamental da linguagem, constituem dela uma dimensão essencial” (LACAN, 1999, p. 100).

Ao dar uma primazia ao significante, ele demonstrará como se dará a relação entre esses dois elementos (significado e significante) e fundará o gráfico que proporciona uma visibilidade da estrutura do inconsciente na constituição dos sentidos.

Com este capítulo, de suma importância para o objetivo dessa dissertação, pretende-se fazer uma abordagem da teoria lacaniana, a fim de analisar os movimentos do inconsciente na articulação ironia-linguagem-verdade. O inconsciente estando estruturado como uma linguagem, de acordo com Lacan, vai se constituir por dois movimentos básicos: metáfora e metonímia. Esses movimentos se inter-relacionam produzindo sentidos e, portanto, constituindo verdades. Para tanto, faz-se uma leitura permeando pelos caminhos da linguagem, como condição para o inconsciente; abordando a relação significante e significado, como fundamentos para a teoria lacaniana; mostrando a contribuição de Freud através dos conceitos de condensação e deslocamento e, com Lacan, os movimentos de metáfora e metonímia, como elementos estruturantes do inconsciente e constituidores de sentidos, tomando como fio condutor a ironia, que ao sugerir uma coisa e significar outra, remete aos fenômenos do inconsciente, na medida em que a verdade para o inconsciente se apresenta às avessas, ou seja, de forma indireta.

2. 2 O inconsciente como condição para a linguagem ou a linguagem é a condição do inconsciente

O homem não vive isolado. Ele nasce e cresce em comunidade, por isso, ele é um ser social. Como ser social, ele incorpora formações do meio ao qual está inserido. Sendo assim, Lacan vai dizer que os simbolismos sociocultural e linguístico se impõem de fora ao homem, moldam-no, dirigindo-o em um mundo social intersubjetivo e em conformidade com as leis e normas deste mundo.

As ordens simbólicas da linguagem e da organização social vão constituir o homem em toda a sua existência como ordem mediadora e, por isso, distanciando-o de sua verdade imediatamente vivenciada. O simbólico como ordem mediadora instaura no homem sua individualidade e define-o como um ser desejante, na perspectiva de um real inatingível. Com isso, o homem torna-se, então, um ser incompleto, dividido e conflitado por sua força e

limitação diante da vida, da sua ação ativa e passiva ao mesmo tempo, diante dos fatos e acontecimentos, engendrando o condicionamento humano inconsciente.

Marcado por forças que atuam a sua revelia, o homem encontra-se dividido entre o consciente e o inconsciente.

As manifestações psíquicas de origem inconsciente possuem o caráter de significar outra coisa bem diferente do que significam imediatamente. Esse para-além, ao se materializar na linguagem, nos aponta para definir que a “linguagem preexiste à entrada de cada sujeito num momento de seu desenvolvimento mental” (LACAN, 1998, p. 498).

A linguagem como veículo de manifestação do inconsciente se apresenta sempre como uma possibilidade de ser outra, diferente da superfície linear produzida pela fala, na medida em que revela um conteúdo latente, através do conteúdo expresso. Nessa perspectiva, Lacan (1999, p. 21) vai falar que:

A fala presume, precisamente, a existência de uma cadeia significante. Sua gênese pressupõe a existência de uma rede de empregos, ou, em outras palavras, o uso de uma língua. Pressupõe ainda todo o mecanismo que faz com que se entre na roda do moinho de palavras, o discurso sempre diga mais do que aquilo que se diz.

Fundada a dimensão do inconsciente, uma palavra (ou dito de um modo lacaniano, um significante) não se atrela ao significado para revelar algo. Para Lacan, um significante se atrela a outro significante, constituindo uma rede de significações.

Dessa forma, Lacan restaura a originalidade freudiana da experiência do inconsciente sob a égide de ser o inconsciente estruturado como uma linguagem, tomando como base a linguística saussuriana e elegendo a primazia do significante sobre o significado.

2.3 A estruturação da ironia pelas vias do inconsciente

A ironia ao definir uma forma de consciência e uma concepção de mundo, estabelece uma relação do sujeito com a verdade e com seu desejo. Essa articulação ironia-linguagem-verdade remete a ironia, como figura de retórica, aos fenômenos inconscientes na medida em que a verdade, do ponto de vista do inconsciente, só pode se dizer pelo avesso.

Essa caracterização da ironia inerente ao inconsciente permite pontuar as especificidades da dimensão psicanalítica na teoria freudiana que aponta como técnica principal da ironia a “representação pelo contrário”. Isso significa que no enunciado irônico o ironista diz o contrário do que quer sugerir, inserindo na mensagem um sinal que indique ao interlocutor suas intenções. Nesse processo, Freud leva em conta não só o locutor e o processo instaurador da ironia, mas também o ouvinte. Para ele, a essência da ironia consiste:

Em dizer o contrário do que se pretende comunicar a outra pessoa, mas poupando a esta uma réplica contraditória fazendo-lhe entender – pelo tom de voz, por algum gesto simultâneo, ou (onde a escrita está envolvida) por algumas pequenas indicações estilísticas – que se quer dizer o contrário do que se diz (FREUD, 1969, p. 199).

Os sonhos tornaram-se a via régia para o inconsciente, pois representam a realização de um desejo recalcado. Apresentam-se como linguagem cifrada, isto é, por trás do conteúdo manifesto há um conteúdo latente. Dessa forma, os sonhos não se apresentavam como uma tradução fiel ou uma projeção ponto por ponto dos pensamentos do sonho, mas uma versão altamente incompleta e fragmentada deles.

Ao estudar as formações desses conteúdos nos sonhos, Freud induziu que eles recorriam a dois tipos de mecanismos fundamentais: a condensação e o deslocamento.

O relato de um sonho, por pequeno que fosse, sempre consistia em uma carga de interpretação bem maior do que o demonstrava. Eis o motivo pelo qual despertou atenção de Freud, o caráter de brevidade, de concisão dos sonhos. A essa característica ele denominou de condensação. Para ele:

A primeira coisa que se torna clara para quem quer que compare o conteúdo do sonho com os pensamentos oníricos é que ali se efetuou um trabalho de *condensação* em larga escala. Os sonhos são curtos, insuficientes e lacônicos em comparação com a gama e riqueza dos pensamentos oníricos (FREUD, 1969-80²).

Freud percebia também que além de se apresentarem condensados, os sonhos também se apresentavam deturpados, ou seja, o conteúdo manifesto não traduzia em sua literalidade o sonho, mas apontava para uma outra significação latente. Um elemento sem valor psíquico retirava a atenção de outro verdadeiramente importante para a interpretação.

² A Edição Eletrônica Brasileira de Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud. Esse tipo de mídia eletrônica não possui paginação. A orientação, portanto, deverá ser em função do ano.

No trabalho do sonho, entra em ação, também:

Uma força psíquica que, por um lado, despoja os elementos com alto valor psíquico de sua intensidade, e, por outro, *por meio da sobredeterminação*, cria, a partir de elementos de baixo valor psíquico, novos valores, que depois penetram no conteúdo do sonho. Assim sendo, ocorrem uma transferência e deslocamento de intensidade psíquica no processo de formação do sonho (FREUD, 1969, p.80).

Mas Freud não para de estudar esses movimentos nos sonhos. É assim que no texto: *Os chistes e sua relação com o inconsciente*, ele vai estruturar as diferentes formas com que se apresentam a condensação e o deslocamento e vai dizer que “as técnicas dos chistes indicam os mesmos processos conhecidos como peculiaridades da elaboração onírica” (FREUD, 1996, p. 154).

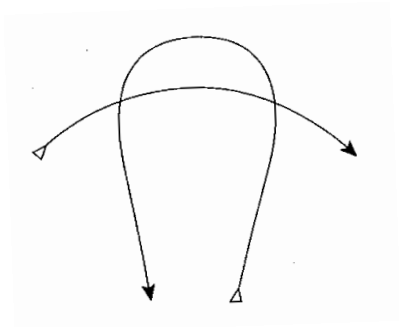
Nesses estudos, Freud vai ligar a condensação às técnicas dos chistes verbais. Tomando como exemplo o chiste do *famillionär*, ele vai dizer que um chiste não é nada que resida no pensamento e que se deve procurá-lo na forma, na verbalização que o exprime e apresentará diversas formas de chistes verbais, que subdivide em categorias como o múltiplo uso do mesmo material, o jogo de palavras, mas classifica-os como fazendo parte de uma categoria mais ampla que é a condensação.

Freud coloca que existem chistes cuja técnica resiste a quase toda tentativa de conectá-la com os grupos concatenados à condensação e abrirá um outro grupo denominado por ele de chistes conceptuais, por ser de ordem do pensamento e não da expressão verbal. São eles: deslocamento, raciocínio falho, absurdo e representação pelo oposto.

Um chiste de deslocamento consiste no desvio do curso do pensamento, ou seja, no deslocamento da ênfase psíquica para outro tópico que não o da abertura. De acordo com Freud (1996, p. 57), “um chiste de deslocamento independe, em alto grau, da expressão verbal. Depende aqui não das palavras, mas do curso do pensamento”, como é o caso dos chistes irônicos, cuja ênfase se encontra no deslocamento do sentido que aponta sua expressão para além da palavra.

2.4 O significante lacaniano

Tomando o significante e significado como duas ordens distintas, constituindo duas redes de articulações paralelas, Lacan vai dizer que há um deslizamento incessante do significado sob o significante produzindo uma outra rede: a rede do significante, da constituição dos sentidos, como pode ser observada a partir do gráfico abaixo, apresentado por Lacan:



Fonte: LACAN, 1999, p. 17.

A primeira linha, a linha horizontal, representa para Lacan a cadeia significante, responsável pelos efeitos significantes em todos os níveis, inclusive no fonemático, onde se funda o trocadilho, o jogo de palavras.

A outra linha é do discurso racional, onde se encontra integrado um certo número de pontos de referência, de coisas fixas, que só serão apreendidas no nível dos empregos do significante. Para ele, esta linha é:

O discurso concreto do sujeito individual, daquele que fala e se faz ouvir, é o discurso que se pode gravar num disco, ao passo que a primeira é tudo o que isso inclui como possibilidades de decomposição, de reinterpretação, de ressonância e de efeitos metafóricos e metonímicos. Uma vai no sentido inverso da outra, pela simples razão de que elas deslizam uma sobre a outra. Mas uma corta a outra. E elas se cortam em dois pontos perfeitamente reconhecíveis (LACAN, 1999, p.19).

Ele vai dizer que é preciso que em algum ponto haja uma amarração dessas cadeias, ou seja, que uma se prenda à outra, para que saibamos a que nos ater, constituindo pontos fixos, que permitam a constituição dos sentidos.

O primeiro ponto é o que marca o encontro do discurso com o código, para que possa haver audição do discurso; o segundo encontro, que fecha o circuito, constitui o ponto de basta, ponto de encontro do significante com o significado. É nesse segundo encontro que se constitui o sentido e consolida a mensagem, pressupondo o mecanismo que faz com que “não importa o que se diga ao pensar nisso, ou, não pensando, não importa o que se formule —, uma

vez que se entre na roda do moinho de palavras, o discurso sempre diga mais do que aquilo que se diz” (LACAN, 1999, p. 21).

O que Freud induziu como o inconsciente ser estruturado por leis próprias, Lacan vai determiná-las como leis do significante.

Lacan vai dizer que assim como o dia e a noite não é de modo algum algo que possa ser definível pela experiência, pois esta pode apenas indicar uma representação, a linguagem também começa na oposição – o dia e a noite. E a partir do momento em que há o dia como significante, esse dia é entregue a todas as variações de um jogo, por meio do qual ele acabará por receber diversas significações.

De acordo com Lacan (1988, p. 192), a partir de quando se passa ao que é da ordem do significante:

Este pode estender-se a muitos elementos do domínio do sinal. Mas o significante é um sinal que não remete a um objeto, mesmo sob a forma de rastro, embora o rastro anuncie, no entanto, o seu caráter essencial. Ele é também o sinal de uma ausência. Mas, na medida em que ele faz parte da linguagem, o significante é um sinal que remete a um outro sinal, que é como tal estruturado para significar a ausência de um outro sinal, em outros termos, para se opor a ele num par.

A função significante não é, pois, “somente designar isto ou aquilo, mas sim uma espécie de para-além que se apresenta sob forma de cadeia”. (LACAN, 1999, p. 71)

Saussure (1989) vai falar no capítulo referente ao valor linguístico que a língua é marcada simultaneamente por uma série de subdivisões contíguas entre um plano indefinido de ideias confusas e sobre um outro não menos indeterminado de sons. E que o papel da língua seria, portanto, de servir de união entre essas duas “massas amorfas”, determinando um valor e produzindo sentido. Lacan (1999, p. 15), no seminário 5, falando sobre as formações do inconsciente, ao falar sobre a análise de uma cena de *Atália*³, diz que:

A relação do significante e do significado, tão sensível nesse diálogo dramático, levou-me a fazer referência ao célebre esquema de Ferdinand de Saussure em que vemos o duplo fluxo paralelo do significante e do significado, distintos e fadados a um perpétuo deslizamento um sobre o outro.

Uma vez identificados movimentos semelhantes na formação do inconsciente, Lacan examinará mais profundamente as relações da cadeia significante com a cadeia significada.

³ Tragédia de Racine publicada em 1691, em que Lacan analisa a primeira cena.

Ao dizer que, “as coisas não podem fazer mais que demonstrar que nenhuma significação se sustenta a não ser pela remissão a uma outra significação”, uma vez que “não há língua existente à qual se coloque a questão de sua insuficiência para abranger o campo do significado, posto que atender a todas as necessidades é um efeito de sua existência como língua”, Lacan determinará que é ilusão pensar que o significante atende à função de representar o significado (LACAN, 1998, p. 501).

O que se vê na linguística é que um significante se atrela a um conceito, constituindo um signo; Lacan subverte a ordem do algoritmo saussuriano e grafa o significante com uma letra maiúscula, dando a entender uma clara hierarquia do significante em relação ao significado. É que para Lacan, um significante se articula a um outro significante e somente “as correlações do significante com o significante fornecem o padrão de qualquer busca de significação” (LACAN, 1998, p. 505).

Para ele, o significante está sempre atrelado à ideia de sujeito, um sujeito subvertido pela linguagem, ou seja, há a necessidade de um alguém para quem possa um significante significar algo para outro significante. Assim, um significante representa um sujeito para outro significante, não para um significado e se torna ele mesmo um signo.

Essa associação para Lacan é o que forma uma linguagem. Um deslocamento constante de um significante para outro significante, produzindo efeitos de sentido e constituindo sujeitos na e pela linguagem.

É nessa perspectiva, que se pode perceber em Lacan a ausência do círculo que envolve o signo saussuriano, bem como as flechas que indicam uma relação de dependência entre significado e significante, demonstrando que há um constante deslizamento do significado sob o significante e que é “na cadeia significante que o sentido insiste, mas que nenhum dos elementos da cadeia consiste na significação de que ele é capaz nesse mesmo momento” (LACAN, 1998, p. 506).

Contudo, isso não significa dizer ou pensar que o significado esteja livre de qualquer amarração com o significante. Pois a cadeia significante é atravessada pela cadeia do discurso, como pôde ser vista no esquema lacaniano⁴, constituindo esses pontos fixos de amarração, que conduzirão ao encontro do significante ao significado, determinado por Lacan de ponto de estofo.

⁴ Cf. gráfico da página 40 desta dissertação.

Lacan vai falar ainda que a frase afivela sua significação apenas com seu último termo, sendo cada um desses termos antecipados na construção dos precedentes e selando seu sentido tão somente pelo efeito retroativo dos seguintes.

Eis o que ele diz em relação ao ponto de estofo:

Desse ponto de estofo, encontraí sua função diacrônica na frase, porquanto ela não afivela sua significação senão com seu último termo antecipado na construção dos outros e, inversamente, selando o sentido deles por seu efeito retroativo. Mas a estrutura sincrônica está mais escondida e é ela que nos conduz à origem (LACAN, 1998, p. 805).

Dessa forma, pode-se dizer que a constituição de sentidos no jogo dos significantes em Lacan, dá-se pelo cruzamento da cadeia metonímica e da cadeia metafórica, ou seja, pelo ponto de estofo.

2.4.1 A cadeia metonímica e a cadeia metafórica como movimentos estruturais do inconsciente lacaniano

Tomando de Jakobson os termos metáfora e metonímia, Lacan vai determiná-las como as duas funções essenciais do significante, pela qual este sulca no real o significado. Lacan toma emprestado os termos de Jakobson, mas subverte seus valores. Enquanto para este a relação da metáfora se dá pela substituição de um significante por outro, em uma relação de semelhança e na metonímia, pela seleção de um significante em sua sequência, em uma relação de contigüidade; para Lacan, a relação de substituição e seleção que ocorre nesses movimentos se dá pela primazia do *nonsense* e não por uma relação de semelhança e de contigüidade especificamente.

A existência dessas cadeias implica que as articulações ou ligações do significante comportam duas dimensões, aquela que se pode chamar de combinação, continuidade, concatenação da cadeia e da substituição, cujas possibilidades estão sempre implicadas em cada elemento da cadeia. Essa segunda dimensão é omitida na definição linear que se fornece da relação entre o significante e o significado. Em outras palavras, em todo ato de linguagem, embora a dimensão diacrônica seja essencial, há também uma sincronia implicada, evocada,

pela possibilidade permanente de substituição, que é inerente a cada um dos termos do significante (LACAN, 1999, p. 34).

Isso significa dizer que os efeitos de sentido produzidos pelo deslocamento de um significante para outro significante são constituídos metonimicamente e metaforicamente.

De acordo com Lacan (1998, p. 510):

A centelha criadora da metáfora não brota da presentificação de duas imagens, isto é, de dois significantes igualmente atualizados. Ela brota entre dois significantes dos quais um substitui o outro, assumindo seu lugar na cadeia significante, enquanto o significante oculto permanece presente em sua conexão (metonímica) com o resto da cadeia.

Uma palavra por outra, eis a fórmula da metáfora vai dizer Lacan. Mas, não a conjunção de dois significantes quaisquer. Para a constituição da metáfora é necessária uma disparidade máxima entre as imagens significadas, provocando um *não-senso*, responsável pela tirada espirituosa que acontece pela derrisão do significante, caracterizando a centelha poética da metáfora.

Por metáfora, pode-se dizer que ela vincula-se à função conferida a um significante S no que esse significante substitui um outro numa cadeia significante, por similaridade ou simultaneidade posicional:

Eis a fórmula da metáfora elaborada por Lacan (1998, p. 519):

$$\begin{array}{c} f(\underline{S'}) \\ S \end{array} S \equiv S (+) s$$

A estrutura metafórica, que indica que é na substituição do significante pelo significante que se produz um efeito de significação que é da poesia ou criação, ou em outras palavras, do advento da significação em questão, ou seja, “a metáfora vincula-se à função conferida a um significante S, no que esse significante substitui um outro numa cadeia significante” (LACAN, 1999, p.78).

Ao se pensar na relação de substituição de um significante por outro como o recurso criador da metáfora, vale salientar que não é a substituição em si a metáfora, mas a articulação, o meio significante onde se instaura o ato da metáfora. Dizer que a metáfora constitui-se no nível da substituição, significa que, de acordo com Lacan (1999, p.43), “a substituição é uma possibilidade de articulação do significante, que a metáfora exerce sua

função de criação de significado no lugar onde a substituição pode se produzir, mas isso são duas coisas diferentes”. E acrescenta que do mesmo modo, a metonímia e a combinação são duas coisas diferentes.

O sinal +, colocado entre () na fórmula da metáfora, manifesta a transposição da barra –, bem como o valor constitutivo dessa transposição para a emergência da significação. Assim, a criação metafórica se dá pela “vertente do sentido”, na medida em que a palavra carrega efeito, emociona, é rica de significações.

Como pode ser vista no famoso chiste do *famillionär*⁵, em que Hirsch Hyacinth, dirigindo-se a Reisebilder, fala da sua visita ao Barão Rothschild: ‘É tão certo quanto Deus há de me prover todas as coisas boas, doutor, sentei-me ao lado de Salomon Rothschild e ele me tratou como um igual – bastante familionariamente’.

A formação substitutiva “familionariamente” condensa duas ideias: familionario e milionário.

Percebe-se no chiste que o autor queria dizer familiar, mas como diz Lacan, houve a interferência da cadeia intencional na cadeia significante, ou seja, a cadeia significante é atravessada pela palavra milionário, latente, marcando um lugar de produção de sentidos, constituindo o termo familionario, pela aglutinação de familiar +mili(on)ário.

É nessa relação de substituição que reside o recurso criador, a força criadora da metáfora, que remete a buscar nesse chiste, os sentidos aí veiculados. O poeta Heine tinha um tio muito rico, que sempre o tratava como parente pobre.

Remete, ainda, a uma condição social de discriminação e preconceitos entre as classes sociais.

Enfim, é pelo jogo da substituição de um significante por outro, constituinte da metáfora, que se cria a possibilidade não apenas de desenvolvimentos do significante, “mas também de surgimentos de sentido sempre novos, que vêm sempre contribuir para aprimorar, complicar, aprofundar, dar sentido de profundidade àquilo que, no real, não passa de pura opacidade” (LACAN, 1999, p. 35).

Dialeticamente a constituição de sentidos também vai se produzindo por outras vias: a do pensamento disfarçado para expressar uma verdade que só pode ser dita de forma indireta, isto é, metonimicamente.

⁵ Chiste, analisado por Freud, no livro “Os Chistes e sua relação com o inconsciente (1996, p.27)” e por Lacan (1999, p.30)

Por metonímia, pode-se dizer que ela “consiste na função assumida por um significante S no que ele se relaciona com outro significante na continuidade da cadeia significante” (LACAN, 1999, p.78):

Eis a fórmula da metonímia elaborada por Lacan (1998, p. 519):

$$f(S...S') S \equiv S (-) s$$

A estrutura metonímica indica que é a conexão do significante com o significante, que permite a elisão mediante a qual o significante instala a falta do ser na relação de objeto, servindo-se do valor de envio da significação para investi-la com o desejo visando essa falta que ele sustenta⁶. O sinal -, colocado entre (), manifesta aqui a manutenção da barra -, que marca no primeiro algoritmo a irreducibilidade em que se constitui, nas relações do significante com o significado, a resistência à significação (LACAN, 1998, p. 519).

Para Lemaire (1989, p. 247), a relação entre significante e significado, pela qual se engendra o sentido na linguagem, é mediatizada na metonímia por uma cadeia de significantes em conexão de sentido; esta mediação é responsável pela resistência à significação.

No exemplo do *famillionário*, analisado mais acima, ocorre na cadeia metonímica a derrisão significante dos termos na cadeia, um deslizamento de um significante para outro, constituindo uma transferência de significação ao longo dessa cadeia, na medida em que o sentido, a verdade não está ali. Por isso, a cadeia metonímica é promotora da mensagem. Mas, é nela que a verdade, se manifesta como fruto de um desejo. Como recalcada, a verdade se manifesta na cadeia metonímica, demarcando o lugar que a simbolize. No chiste acima, esse lugar na cadeia é demarcado em *famillionário*, cujo sentido, aí não reside, mas aponta o sintoma, demarcando o lugar onde a verdade emerge de forma indireta. Assim, é esse deslizamento de significantes que permite com que Hirsch Hyacinth seja tratado de maneira totalmente familionária.

Enfim, Lacan (1999, p. 20) vai dizer que é “na mensagem vem à luz o sentido. A verdade que há por anunciar, se é que existe verdade, está ali”.

A relação estabelecida pelas duas cadeias, gerando os processos de metáfora e metonímia, mantém para Lacan uma relação de simetria com o inconsciente. Assim, a cadeia significante está para fazer apontar um desejo de algo recalcado, que por sua vez constitui

⁶ Essa relação verdade-desejo-sintoma será abordada no terceiro capítulo

uma falta marcada na cadeia. A cadeia do discurso ao cruzar a cadeia significativa com o código, marca a existência de um sintoma que aponta para um outro significante, promovendo o deslizamento dessa cadeia em um movimento de retrocesso para encontrar sua causa.

Relacionando o desejo à cadeia metonímica, Lacan (1998, p. 522) diz que:

Os enigmas que o desejo propõe a toda “filosofia natural”, seu frenesi que imita o abismo do infinito, o conluio íntimo em que ele envolve com o gozo o prazer de saber e o de dominar, não decorrem de nenhum outro desregramento do instinto senão sua captação nos trilhos – eternamente estendidos para *o desejo de outra coisa* – da metonímia. Daí sua fixação “perversa” nas reticências da cadeia significativa em que a lembrança encobridora se imobiliza, onde a imagem fascinante do fetiche se erige em estátua.

Relacionando o sintoma à metáfora, ele diz:

O mecanismo de duplo gatilho da metáfora é o mesmo em que se determina o sintoma no sentido analítico. Entre o significante enigmático do trauma sexual e o termo que ele vem substituir numa cadeia significativa atual passa a centelha que fixa num sintoma – metáfora em que a carne ou a função são tomadas como elemento significante – a significação, inacessível ao sujeito consciente onde ele pode se resolver (LACAN, 1998, p. 522).

Pode-se dizer, então, que o sintoma ao surgir na cadeia significativa aponta para um desejo que constitui em sua essência o aparecimento de uma verdade recalcada, expressa através de um aparente não-sentido.

Essa dupla articulação das cadeias metafórica e metonímica, que envolve a constituição da verdade se apresenta na ironia, na medida em que se analisa o seu funcionamento. No enunciado irônico, diz-se uma coisa para significar outra. Dessa forma, na ironia, a manifestação da verdade vai emergir na cadeia metonímica, através do sintoma, apontando um desejo recalcado, promovendo o deslizamento dos significantes.

2.5 A produção de sentidos em torno dos movimentos de condensação e deslocamento, em Freud e de metáfora e metonímia, em Lacan

Todas as formações do inconsciente manifestam na análise uma estrutura. O esforço do homem em burlar a censura acarreta uma ruptura entre o significante e o significado,

fazendo sempre que se diga mais do que aquilo que efetivamente dizem, isto é, a palavra emerge do consciente sob uma máscara, que aponta para um outro lugar da significação.

A interpretação dos sonhos em Freud nos leva à produção de sentidos do inconsciente que se dá pelos processos de condensação e deslocamento. Nele, Freud vai dizer que a interpretação de um sonho é sempre maior do que o dito, daí ele instaurar o conceito de condensação. Mas os sonhos não só se apresentavam condensados, como demonstravam uma outra característica, as palavras apontavam para-além revelando um sentido latente através do conteúdo manifesto proporcionando um deslocamento do sentido. Nessa formação em rede, nessa passagem de uma palavra a outra, Freud identificou esses mecanismos como distintos, mas complementares.

Para Freud a condensação e o deslocamento ocupam lugar importante na analogia com os chistes, ou seja, as técnicas dos chistes indicam os mesmos processos conhecidos como peculiares dos sonhos. Nos chistes, ele vai dividir em dois tipos as técnicas: as técnicas dos chistes verbais e as técnicas dos chistes conceptuais.

Nos chistes verbais, essas técnicas se ligam diretamente pela palavra na produção de sentido por condensação, por palavras compostas, acompanhadas pela formação de substitutos, como é o caso de *famillionar* (FREUD, 1969, p. 28); condensação acompanhada de leve modificação, como é o caso de *tête-a-tête* por *tête-a-bête*; o uso múltiplo da mesma palavra, uma vez como um todo e outra vez segmentado em sílabas, como é o caso de *Rousseau – Roux sot*; pelo sentido pleno ou esvaziado dos constituintes verbais como é o caso de *Como é que você anda?*; uma leve modificação na segunda vez em que a palavra é usada como pé, o caso de *Traduttore – Traditore*; palavra é definida através de seu próprio nome, portanto através de si mesma, é a técnica da unificação como é o caso de *Eifersucht* [ciúme]; o jogo do duplo sentido – a mesma palavra com sentidos diferentes como é o caso de *Eis o primeiro vol da águia* [vôo significa vôo e roubo].

Mais adiante, Freud (*Idem*, p. 48) dividindo os chistes em três técnicas: I - Condensação; II – Múltiplo uso do mesmo material; e III – Duplo sentido, vai dizer que “o uso múltiplo do mesmo material é, afinal, um caso especial de condensação; o jogo de palavras nada mais é que uma condensação sem formação de substitutos; portanto, a condensação permanece como sendo a categoria mais ampla”.

Freud vai dizer que existem chistes cuja técnica resiste a quase toda tentativa de conectá-la com os grupos até então considerados. São os chistes, designados por ele, de conceptuais, por serem independentes da expressão verbal, ou seja, estes dependem não das

palavras, mas do curso dos pensamentos. Estão nessa classificação as técnicas de deslocamento que consistem no desvio do pensamento de um sentido para outro, como é o caso do chiste do *Bezerro de Ouro*; o deslocamento do curso do pensamento para ocultar um ato de raciocínio falho, como é o caso da *maionese de salmão*; a apresentação de algo que é estúpido e absurdo, como é o caso de Phocion; a representação pelo oposto como os *chistes irônicos* (FREUD, *Idem*, p. 76).

Diante dessa visão, parece-nos ser a produção de sentidos nos chistes elaborada a partir de duas dimensões técnicas básicas, distintas e paralelas: condensação e deslocamento.

Lacan (1999, p. 34) vai dizer que a condensação é uma forma particular do que pode produzir-se no nível da função de substituição. E acrescenta que “não é preciso ter possibilidades extraordinárias de intuição para perceber que deve haver alguma relação entre a fórmula da metáfora e o que Freud nos esquematiza sobre a formação do milionário”.

Nessa perspectiva Dor (1989, p. 53) diz que “a condensação pode, legitimamente, ser considerada como estritamente análoga a uma substituição significante”, a metáfora conseqüentemente. Em relação ao deslocamento ele vai dizer que “o processo global do sonho é um empreendimento metonímico” (DOR, *Idem*, p.59).

Partindo do inconsciente estruturado como uma linguagem, Lacan tomando os pressupostos teóricos da Linguística, associa os conceitos de condensação e deslocamento aos conceitos de metáfora e metonímia.

Por metáfora, na acepção linguística, termo que vem do latim *metaphora*, tem-se a concepção clássica de uma figura de linguagem que consiste na transferência de uma palavra para um âmbito semântico, que não é o do objeto que ela designa e que se fundamenta numa relação de semelhança. E por metonímia, também vinda do latim *metonymia*, compreende-se uma figura de linguagem, que consiste em designar um objeto por palavra designativa de outro objeto, que tem com o primeiro uma relação de contigüidade (FERREIRA, 1986).

Quando se constrói uma metáfora, diz-se que houve uma transferência de um termo para um contexto de significação que não lhe é próprio. Enquanto que a metonímia ocorre quando se opta por utilizar uma palavra em lugar de outra, numa relação de proximidade.

Essas definições, de acordo com Lemaire (1989, p. 245), “revelam, de presto, o alcance do papel desempenhado pela metáfora na autonomia do significante em relação ao significado”.

Lacan vai dizer que a partir da evolução concreta da linguística, ou seja, com o advento do estruturalismo, permite-se tomar a linguagem no nível de um registro elementar,

duplamente definido – como cadeia diacrônica e, em seu interior, como possibilidade permanente de substituição no sentido sincrônico. Permite-se, ainda, igualmente, de acordo com Lacan (1999, p. 52), “reconhecer, no plano das funções do significante, uma força originária na qual podemos localizar um certo engendramento do que chamamos sentido”.

Essa concepção permite apreender que no nível do discurso concreto, em relação ao engendramento do sentido, a linguagem se apresenta numa posição de ambiguidade, ao interrogar uma correspondência entre o “real e uma certa sintaxe do círculo intencional enquanto completado em cada frase” (LACAN, 1999, p. 53). Ou seja, no decorrer de um discurso intencional em que o sujeito se apresenta como querendo dizer alguma coisa, produz-se algo que ultrapassa seu querer.

Esse para-além, se caracteriza na cadeia da mensagem na medida em que um significante não está na estrutura para se atrelar a um significado, mas para expressar outro significante, em um deslizamento constante, caracterizando um movimento dialético, na medida em que o efeito de sentido que aí se produz é fruto de um jogo de ação regressiva, do deslizamento do significante expresso ao significante recalcado.

Voltando ao gráfico da p. 40, pode-se dizer que esse deslizamento do sentido, incessante na cadeia significante, por não ter uma finitude em si, tem sua dimensão pelo encontro com a cadeia do discurso. Ou seja, o deslizamento da cadeia significante seria incessante se não houvesse a cadeia do discurso.

Vimos que há dois pontos de encontro no cruzamento das cadeias significante e do discurso. Em um primeiro momento, a cadeia do discurso cruza com a cadeia do significante constituindo o primeiro ponto nodal – demarcando o lugar do objeto metonímico – que aponta para um segundo momento, constituindo o segundo ponto nodal – demarcando o lugar da metáfora – o lugar da mensagem, do ponto de estofo, da produção dos sentidos propriamente ditos, uma vez que o objeto metonímico ao se apresentar “não passa de fragmento da realidade que representa” (LACAN, 1999, p. 43).

Como fragmentado de uma realidade, Lacan vai dizer que o objeto metonímico introduz a dimensão do pouco-sentido, na medida em que há um apagamento ou uma redução do sentido da cadeia significante, que interroga o valor como tal e intima-o a realizar sua dimensão de valor a se revelar como valor verdadeiro. No ponto de estofo, na realização da metáfora essa noção de valor é atribuída ao passo-de-sentido, na medida em que a intenção do sujeito, sua necessidade é estruturada pela substituição de significantes, ou seja, tomar um elemento no lugar onde ele se encontra e substituí-lo por outro numa relação de similaridade.

É nessa perspectiva que ele vai determinar para esse primeiro ponto o lugar do pouco-sentido e ao segundo, o lugar do passo-de-sentido.

Isso nos aponta para o fato de que tudo o que acontece na ordem da linguagem está sempre já consumado.

O efeito de sentido é, então, constituído de maneira metafórica e metonimicamente. Enquanto movimento metafórico, a produção de sentidos se presentifica na medida em que um significante S se coloca no lugar de outro significante S'. Ao se desencadear tal substituição, produz-se no nível de S' uma mudança de sentido; enquanto significante substituído, este mantém uma relação de combinação na cadeia significante como representante de um objeto fragmentado de uma realidade que mantém uma relação de associação com os elementos já conservados no tesouro das metonímias.

Na dimensão metonímica, entram em jogo os contextos e os empregos. Uma palavra pode ser ligada de maneira diferente em dois contextos diferentes, o que lhe dá dois sentidos completamente diversos. Ao tomá-la num certo contexto com o sentido que ela tem em outro, estar-se-á na dimensão metonímica.

Dessa maneira, pode-se dizer, então, que a metonímia é a estrutura fundamental em que se pode produzir esse algo novo e criativo que é a metáfora, isto é, a cadeia em que é definida a posição na qual a metáfora se produz está, quando se trata de metonímia, numa espécie de deslizamento ou equívoco.

Assim, “numa palavra não haveria metáfora se não houvesse metonímia” (LACAN, 1999, p. 80).

Portanto, a criação de sentido se dá pela via do entrejogo entre a mensagem e o código e no retorno do código para a mensagem.

2.6 Considerações parciais

A linguagem como mediadora entre o homem e o meio o constitui e instaura a dimensão do inconsciente na medida em que se apresenta como fragmento de uma realidade. Freud ao analisar o inconsciente, através dos sonhos e dos chistes, demonstra que as palavras expressam um sentido manifesto e outro latente, e que esse jogo é constituído por dois movimentos: condensação e deslocamento. Ao trabalhar os *Chistes e sua relação com o*

inconsciente, Freud dará a esses mecanismos lugares distintos na constituição dos sentidos. Lacan por sua vez, tomando de Freud seus fundamentos reelabora os conceitos freudianos à luz do Iluminismo e estrutura o inconsciente como uma linguagem, tomando como base a linguística saussuriana. Dessa forma, a constituição dos sentidos na dimensão do inconsciente vai ocorrer metaforicamente e metonimicamente, em um processo simultâneo pela cadeia do significante e pela cadeia do discurso, produzindo uma verdade que pretende ser observada nessa dissertação através da ironia.

A ironia como mecanismo de linguagem, que pode ser estudada tanto do ponto de vista da Linguística, quanto da Psicanálise, trouxe grandes contribuições para este trabalho que pretendeu estudá-la como elemento que conduziria a uma ação interdisciplinar entre as duas ciências. Saussure ao tomar a língua como social e constitutiva de um sistema de signos, redimensiona os estudos linguísticos até então formulados e permite que casos de linguagem como esse da ironia seja possível, através das noções de arbitrário, valor linguístico que envolvem a relação significante e significado, bem como conduz ao ápice de toda sua teoria, que são as relações associativas e sintagmáticas, que envolvem a língua em funcionamento, produzindo sentidos e constituindo verdades. A linguagem ao constituir-se como mediadora entre o homem e o meio instaura também a dimensão do inconsciente, na medida em que se apresenta como fragmento de uma realidade. Freud ao analisar o inconsciente, através dos sonhos e dos chistes, demonstra que as palavras expressam um sentido manifesto e outro latente e que esse jogo é constituído por dois movimentos: condensação e deslocamento. Ao trabalhar os *Chistes e sua relação com o inconsciente*, Freud dará a esses mecanismos lugares distintos na constituição dos sentidos. Lacan por sua vez, tomando de Freud seus fundamentos, reelabora os conceitos freudianos à luz do Iluminismo e estrutura o inconsciente como uma linguagem, tomando como base a linguística saussuriana. Dessa forma, a constituição dos sentidos na dimensão do inconsciente vai ocorrer metaforicamente e metonimicamente, em um processo simultâneo pela cadeia do significante e pela cadeia do discurso, produzindo sentidos, constituindo verdades observadas aqui através da ironia.

A linguística saussuriana tem sua ênfase na língua em funcionamento dentro do sistema. Lacan, ao mostrar o modo de funcionamento do inconsciente como sendo semelhante ao da linguagem, prioriza o significante em função do seu deslizamento constante para outro significante para poder significar, constituindo grupos fechados, compostos de uma série de anéis, que se prendem uns aos outros constituindo cadeias. Portanto, pode-se deduzir que

tanto na concepção saussuriana, quanto na concepção lacaniana, a linguagem só é concebível como uma rede.



Saussure

A ciência de que se depreende o inconsciente é certamente a linguística. É feito como a linguagem e se desdobra nos efeitos da linguagem. Acontece que isso (ça - id) pensa lá onde é impossível que o sujeito se articule: portanto, sou-o porque lá é estruturalmente excluído que o sujeito aceda à consciência de si (nomear-se como sendo aquele que fala) Eu penso lá onde não posso dizer que estou, lá onde devo colocar o sujeito da enunciação como separado do ser por uma barra. O estatuto do inconsciente, eu o articulo pela função do significante... Eu digo que ao ser sucede a letra.

(Entrevista de J. Lacan na Rádio-Televisão da Bélgica, em dezembro de 1966).

CAPÍTULO III: A DIMENSÃO DO INCONSCIENTE NA ARTICULAÇÃO IRONIA-LINGUAGEM-VERDADE

3.1 Introdução

Num olhar desatento para essas duas ciências – Linguística e Psicanálise – em princípio tão díspares, com seus objetos tão diferentes, uma a língua a outra, o inconsciente, nada vemos ou percebemos em comum, nem um elo possível de contribuição aos seus estudos. Mas, quando se debruça um olhar mais atencioso, curioso, logo se encanta e se entusiasma com as peculiaridades e os pontos de intersecção entre ambas.

Entre esses pontos de intersecção está a palavra, referencial de análise para ambas entenderem seus respectivos objetos de estudo, bem como elemento que consolida a contribuição de uma à outra, na perspectiva em que se observa uma ação inconsciente na linguagem e no inconsciente, uma estruturação semelhante à da linguagem.

A contribuição de uma ciência à outra poderá ser grandiosa, mas uma articulação entre ambas é alvo de discussões, críticas e resistências, tanto do lado dos linguistas, quanto dos psicanalistas.

É preciso ressaltar que a ênfase para os estudos em torno das contribuições entre ambas não se restringe à semelhanças e diferenças. Saber que o signo saussuriano se distingue do signo lacaniano é importante para compreender ambas as teorias, mas tomar os conceitos e tentar aí uma possível ponte é relativizar o processo interdisciplinar e as próprias ciências. Este deve ser antes, o ponto de partida para entender o modo de funcionamento de cada uma e a partir daí, buscar nessa perspectiva o “ponto de estofó”, que trará contribuições tanto para a linguística, quanto para a psicanálise.

Tomando cada uma em suas especificidades e observando seu modo de funcionamento, isto é, sua forma de estruturação, pode ser o caminho que nos leve a encontrar na diversidade uma unidade.

Com a psicanálise lacaniana, essa conexão torna-se mais apreciável na medida em que Lacan estuda o inconsciente sendo estruturado como uma linguagem. Assim sendo, como evitar a conexão entre linguagem e inconsciente?

De acordo com Arrivé (1999, p. 23):

A psicanálise não é nada mais do que um exercício de linguagem. Todos os psicanalistas, finalmente, concordam implícita ou explicitamente com isso, embora se sintam com estranheza que alguns deles resistem a reconhecê-lo. Resistências cuja própria força é proporcional à evidência dos fatos. Como evitar, então, uma conexão entre linguagem e inconsciente? E como dispensar o encontro entre linguística e psicanálise? Para isso, seria preciso uma boa dose de pessimismo, e até de cinismo epistemológico. Principalmente, seria preciso postular que a linguagem, tal como ela intervém no tratamento, *não tem nada a ver* com a linguagem tal como a descreve o lingüista. Seria preciso admitir que existem duas linguagens, certamente homônimas, mas totalmente disjuntas.

Não se trata, pois de expor os anátemas e as identidades, mas as possíveis contribuições que uma pode oferecer a outra, nos seus mais variados aspectos.

De acordo com Flores (2004):

Existe, sim, a possibilidade de refletir em torno das duas áreas, desde o ponto de vista de um elemento comum. Talvez a questão tenha que ser formulada não em termos de condições de articulação entre linguística e psicanálise, mas retomando a noção que é tão cara às duas áreas: a estrutura.

Assim sendo, essa pesquisa que se realiza na interface entre Linguística e Psicanálise, se envereda pela estrutura a fim de observar a constituição de sentidos que ocorre nas relações associativas e sintagmáticas saussurianas e nos movimentos de metáfora e metonímia, formadores do inconsciente lacaniano, através da ironia, mecanismo de linguagem que permite ser estudado tanto sob o olhar da Linguística, quanto da Psicanálise.

O presente capítulo fecha a dissertação na tentativa de unir a produção até então desenvolvida. Objetivando analisar os movimentos do inconsciente na articulação ironia-linguagem-verdade, com este capítulo pretende-se fazer uma aproximação entre as relações associativas e sintagmáticas, da linguística saussuriana e os movimentos de condensação e deslocamento, em Freud e os movimentos de metáfora e metonímia, em Lacan, a fim de mostrar a produção de sentidos que se dá nesses movimentos, como constituição de verdades, através da ironia. Para tanto, busca-se ver a verdade, na perspectiva do inconsciente e sua relação com os movimentos do inconsciente, através do desejo e do sintoma. Em seguida, faz-se uma abordagem sobre a ironia como mecanismo de linguagem, uma vez que servirá como amostra para a produção de sentidos nesses movimentos. Por fim, articula-se a produção de sentidos que se dá na interface Linguística e Psicanálise, através da ironia, por esses movimentos.

3. 2 A articulação dos sentidos nos movimentos constituintes da linguística e da psicanálise através da ironia

A ironia ao consistir em dizer o contrário daquilo do que se está pensando ou sentindo, vai anunciar no dito um não-dito que se oculta, utilizando os mais variados artifícios da linguagem, para demarcar que se quer dizer o contrário do que se diz. Essa possibilidade da língua de querer dizer uma coisa e anunciar outra abre a perspectiva para uma abordagem tanto no campo da Linguística, quanto da Psicanálise.

Na linguística, essa abordagem se torna possível na medida em que se toma a língua na concepção saussuriana, ou seja, a língua como um sistema de signos.

Para Saussure, a língua como se viu, constitui a partir de duas massas amorfas – a do pensamento, caótico por natureza, forçado a precisar-se ao se decompor e a do som – que se unem e constituem os signos. Essa articulação entre significado e significante é arbitrária, ou seja, não há uma relação natural entre significado/significante.

Para a psicanálise lacaniana, um significante não está para se atrelar a um significado, uma vez que, na maioria das vezes, o discurso é um mero falar para nada dizer. A manifestação do inconsciente no discurso vai ocorrer no deslizamento incessante dos significantes, ou seja, um significante se articula a um outro significante para representar um sujeito, não uma significação.

Dessa forma, a manifestação do inconsciente no discurso vai ocorrer através dos atos falhos, dos lapsos, dos chistes, dos equívocos, dos tropeços na língua, caracterizando um *nonsense* ou uma linguagem sem sentido aparente.

Mas, para Saussure, a língua é uma convenção social e como tal, essa relação entre significado e significante é fruto da coletividade. Dessa forma, os signos são constituídos por diferenças puras e de caráter relativos. Sendo a língua um sistema de signos, os signos em sua forma isolada são possuidores de uma significação, mas ao entrarem no sistema assumem valores e demonstram a abertura da língua para as mais variadas formas de se comunicar. Se tivéssemos um significado único atrelado a um significante não seria possível a polissemia do signo, as ambiguidades, nem tampouco a constituição da ironia.

Partindo desse enunciado irônico, tenta-se uma articulação entre as duas teorias: a linguística saussuriana e a psicanálise lacaniana.

Em:

Marcela amou-me durante quinze meses e onze contos de réis. (*Machado de Assis - Memórias Póstumas de Brás Cubas*)⁷

Tomado o signo sozinho, isolado é só um signo com uma significação única, mas estando ele inserido no sistema imbuí-se de um valor e como tal, constituindo sentidos na/pela relação que mantém dentro do sistema, em uma dimensão sincrônica e diacrônica concomitantemente, isto é, cada signo estabelece uma relação com os outros signos dentro do sistema e o valor de um se constitui pela presença e ausência simultânea de outros.

Se tomássemos cada signo do exemplo acima em sua forma isolada, teríamos uma relação biunívoca entre significante e significado para cada signo, impossível de se produzir um sentido irônico ao enunciado.

Ao pensar a estrutura do inconsciente como a de uma linguagem, Lacan (1999) toma como parâmetro para a estruturação da sua premissa a linguística saussuriana. Partindo do algoritmo presente no CLG, que constitui a teoria do signo linguístico, formado pela união de um significado e um significante, Lacan reelabora esse algoritmo, dando primazia ao significante de tal forma que ele pode constituir por si só um signo. Embora constitutivamente diferentes, o significante lacaniano se assemelha ao signo saussuriano quanto ao modo de funcionamento, ou seja, ele é estruturado da mesma forma que o signo saussuriano.

Para Saussure (1989), todos os signos presentes nesse enunciado acima constituem uma cadeia e se encontram em uma relação de entrelaçamento na constituição de sentidos, tanto em uma dimensão sincrônica, quanto diacronicamente, de maneira que a retirada de um termo, sua troca possibilita a alteração do sentido constituído.

Essa relação que se estabelece entre os signos construindo e constituindo cadeias, formando sistemas, tanto se faz presente em Saussure quanto em Lacan.

Lacan (1998) vai dizer que embora haja um deslizamento incessante dos significantes, é necessário que em algum momento aconteça o encontro do significante com o significado, constituindo pontos fixos de amarração na constituição de sentidos. Ao estudar a instância da letra no inconsciente, ele vai dizer que “não há cadeia significante, com efeito, que não sustente, como que apenso na pontuação de cada uma de suas unidades, tudo o que se articula de contextos atestados na vertical, por assim dizer, desse ponto” (LACAN, 1998, p.506-507).

⁷ Este exemplo foi extraído do livro Português – Língua e Literatura de Maria Luiza Abaurre *et. alli*.

É essa a estrutura do significante que vai dar a ele sua articulação, constituindo cadeias e produzindo sentidos. Uma vez que, nenhum elemento tomado isoladamente consiste na significação.

Isso nos remete a Saussure, quando ele determina, primeiramente, a visão de língua como um sistema de signos e, em seguida, quando ele instaura a noção de valor. O signo tomado em sua forma isolada é só um signo, mas tomado em sua relação com outros signos ele assume um valor, é constituído de sentidos. Vista a língua como um sistema, todos os “termos são solidários e o valor de um resulta tão somente na presença simultânea de outros” (SAUSSURE, 1989, p.133).

Dessa forma, o signo constitui sentidos na medida em que estabelece relações dentro do sistema, de forma sincrônica e diacrônica simultaneamente.

Tem-se pelas duas abordagens estruturação semelhante em relação à constituição de sentidos. Assim, pode-se dizer, que tanto em Saussure, quanto em Lacan a constituição de sentidos se dá em uma relação dual, com pontos fixos de amarração, como pode ser visto através do enunciado irônico abaixo.

Tomando por base o sistema linguístico saussuriano, pode-se dizer que cada termo do enunciado irônico: *Marcela amou-me durante quinze meses e onze contos de réis*, tomado de forma isolada, constitui um signo revestido de significação, mas estando os termos em interação uns com os outros, constituem um sistema e revestem-se de valor, constituindo sentidos.

Do ponto de vista dos movimentos do significante lacaniano, pode-se dizer que a dimensão do inconsciente é marcada nesse enunciado, porque nele se constitui pontos fixos de amarração entre um significante e significado, constituindo sentidos, como pode ser demarcado esse lugar em *quinze meses e onze contos de réis*.

Lacan ao estruturar o inconsciente, vai dizer que esses pontos fixos de amarração entre um significante e um significado revestindo-se de sentido, vão se constituir pelo cruzamento entre as duas cadeias constitutivas do inconsciente: a cadeia significante, responsável pelo deslizamento dos significantes e a cadeia do discurso, responsável por um certo número de pontos de referências, de “coisas fixas”, que são apreendidas no nível do emprego do significante.

Saussure vai dizer ainda, que o valor de um signo dentro do sistema se estabelece em sua relação linear com os outros signos constituinte do discurso, excluindo a possibilidade de pronunciar dois elementos ao mesmo tempo, constituindo uma rede de relações, denominada

de relações sintagmáticas, bem como pela relação que ele estabelece com outros signos, que oferecem algo em comum, associadas na memória, denominada de relações associativas, cujos valores são constituídos na ausência, pela troca.

Percebe-se nesse ponto uma aproximação em relação à noção de valor em Saussure e a constituição de sentidos pelas cadeias em Lacan, na medida em que o sentido é também colocado por Lacan, como constituído por uma dupla relação: a primeira, de combinação, continuidade, concatenação na cadeia significante e, a segunda, de substituição, cujas possibilidades estão sempre implicadas em cada elemento da cadeia, constituindo pontos fixos de amarração, denominados por ele de “pontos de estofo”.

Ao estruturar o inconsciente pelo cruzamento da cadeia significante com a cadeia do discurso, percebe-se aí, toda uma estruturação semelhante à das relações sintagmáticas e associativas.

Em Saussure, tem-se a formação da cadeia sintagmática constituída por cada termo do enunciado: *Marcela amou-me durante quinze meses e onze contos de réis*, fazendo com que cada termo seja pronunciado em sequência e assuma um lugar na cadeia, de modo que sua alternância de posição pode alterar o sentido almejado, bem como cada termo desse mantém uma outra relação de oposição com outros signos que se encontram associados a eles na memória, de natureza mnemônica virtual.

Em Lacan, na cadeia metonímica, o deslizamento dos significantes percorre a cadeia ao mostra a durabilidade do amor de Marcela, ou seja, o significante durante aponta para uma temporalidade, que foram os *quinze meses* que, por sua vez, desliza na continuidade da cadeia nos *onze contos de réis*, relacionando o amor ao fator tempo e dinheiro, através do significante *e*. Nesse momento, há o cruzamento da cadeia metafórica com a cadeia metonímica remetendo a um sentido recalcado, ou seja, percebe-se, através da ironia, que o autor queria dizer que o amor de Marcela era um amor interesseiro, que Marcela estava com ele por dinheiro. Houve, então, a interferência da cadeia intencional na cadeia significante, ou seja, a cadeia significante é atravessada pelas verdades que constituem essa ironia.

Dessa forma, o sentido do texto irônico da personagem machadiana, dizendo que o amor de Marcela teve apenas o valor dos *onze contos de réis* remete a busca do sentido para além do escrito, pois se supõe que Marcela mantinha uma relação por interesse, ou seja, por dinheiro. Dessa forma, os *onze contos de réis* mantêm uma relação associativa e metafórica com dinheiro.

É nessa relação de substituição, em que o termo *onze contos de réis* condensa outras ideia, que Lacan vai dizer que reside o recurso criador da metáfora, que nos remete a ir buscar os sentidos veiculados: um homem rico que se apaixona por alguém pobre, que mantém um relacionamento com ele por interesse. Ou seja, é pelo jogo da substituição de um significante por outro, constituinte da metáfora, que se cria a possibilidade não apenas de desenvolvimento do significante, “mas também de surgimento de sentidos sempre novos, que vêm sempre contribuir para aprimorar, complicar, aprofundar, dar sentido de profundidade àquilo que, no real, não passa de pura opacidade” (LACAN, 1999, p. 35).

Assim, pois, pela linguística, as relações e diferenças entre os termos linguísticos no enunciado irônico *Marcela amou-me durante quinze meses e onze contos de réis*, se desenvolvem em duas esferas distintas: através do encadeamento, os termos encontram-se estabelecidos por relações baseadas no seu caráter linear, impossibilitando a pronúncia de dois elementos ao mesmo tempo na cadeia sintagmática e permitindo que o estranhamento ocorrido na cadeia entre quinze meses e onze contos de réis possa mostrar na linearidade da cadeia algo que está fora dela, ou seja, que as palavras nessa cadeia mantêm uma relação de associação com outras palavras *in absentia*, que permite a escolha dos elementos para preencher a função proposicional da ironia, ao consistir em dizer uma coisa e significar outra.

Na perspectiva dos movimentos do significante na psicanálise lacaniana, pode-se pensar a presença do inconsciente nesse enunciado irônico, através do deslizamento dos significantes na cadeia metonímica, fazendo com que ocorra o deslizamento do sentido dos *onze contos de réis*, pelo cruzamento da cadeia metafórica, que traz os significantes que a estes se associam como dinheiro, interesse, constituindo o sentido do enunciado irônico. Dessa forma, o sentido para o inconsciente tem efeito retroativo, pelo fato de que a palavra apenas simboliza a verdade, que se encontra recalcada.

Dessa forma, a ironia, ao consistir em dizer uma coisa e significar outra, estabelece uma relação do sujeito com a verdade e com seu desejo. Essa articulação ironia-linguagem-verdade remete à ironia, como figura de retórica, bem como aos fenômenos inconscientes na medida em que a verdade, do ponto de vista do inconsciente, só pode ser dita pelo avesso.

Essa caracterização da ironia inerente ao inconsciente permite pontuar as especificidades da dimensão psicanalítica na teoria freudiana, que aponta como técnica principal da ironia a “representação pelo contrário”. Isso significa que no enunciado irônico, o ironista diz o contrário do que quer sugerir, inserindo na mensagem um sinal que indique ao interlocutor suas intenções. Para ele, a essência da ironia consiste:

Em dizer o contrário do que se pretende comunicar a outra pessoa, mas poupando a esta uma réplica contraditória fazendo-lhe entender – pelo tom de voz, por algum gesto simultâneo, ou (onde a escrita está envolvida) por algumas pequenas indicações estilísticas – que se quer dizer o contrário do que se diz (FREUD, 1996, p. 164).

Essa forma de dizer uma verdade, que não se presentifica no enunciado produzida pela ironia, deixa seus vestígios na estrutura para conduzir o leitor ao lugar da verdade nessa articulação com a linguagem e o desejo.

Para Garcia-Roza (2001, p. 98), ao analisar a relação entre a palavra e a verdade, diz que a via da verdade psicanalítica se faz pelo caminho das equivocações, dos lapsos, dos tropeços, das ambiguidades da palavra. “É aí que habita a verdade do desejo, é por aí que o inconsciente faz suas irrupções, e é aí também que se inscrevem a condensação, o recalçamento e a denegação”.

A verdade como manifestação do desejo levanta o questionamento de como se pode, então, chegar à verdade.

Se, de acordo com Lacan (1999), as palavras como signos não nos remetem diretamente às coisas, mas a outros signos, formando uma rede, ou seja, se um significante não está para ser atrelado a um significado, mas para um sujeito que está atrelado a outro significante, pode-se deduzir que a verdade não está na palavra.

Garcia-Roza (2001, p. 94) vai dizer que “não é a palavra, enquanto realidade exterior, que produz a verdade. Esta, através da nossa interioridade, é que possibilita a palavra”. Ao articular a palavra com a interioridade e com a verdade, afasta a possibilidade de está a verdade na linguagem e a conduz a interioridade do sujeito. É nessa perspectiva, que Lacan (1998, p. 882) vai dizer “que nenhuma linguagem pode dizer o verdadeiro sobre o verdadeiro, uma vez que a verdade se funda pelo fato de que fala e não dispõe de outro meio para fazê-lo”, porque a verdade se inscreve no plano do Real⁸.

É a linguagem a condição para que a verdade que se inscreve no plano do Real possa ser simbolizada, ou seja, é pela entrada no simbólico⁹, através da linguagem, que a verdade pode aparecer como representação de uma verdade recalçada.

Lacan ao mostrar o modo de funcionamento do inconsciente como sendo semelhante ao da linguagem, prioriza o significante em função do seu deslizamento constante para outro

⁸ De acordo com Chemama (1995, p. 182), o Real pode ser definido como o “impossível, o real é aquilo que não pode ser simbolizado totalmente na palavra e, por conseqüência, não cessa de não se escrever”.

⁹ Para Chemama (1995, p. 200), o simbólico é “aquilo que falta em seu lugar”, designando o que foi perdido.

significante para poder significar, constituindo grupos fechados, compostos de uma série de anéis que se prendem uns aos outros constituindo cadeias. Portanto, pode-se deduzir que tanto na concepção saussuriana quanto na concepção lacaniana, a linguagem só é concebível como uma rede.

Essa cadeia articulada promotora da constituição dos sentidos vai colocar a palavra como geradora de ambiguidades, na medida em que se apresenta como um ato falho, um lapso de linguagem. Deslocando o sentido para além da palavra, do sentido literal, de uma relação biunívoca entre significante/significado, essa dimensão demarca a presença do inconsciente, demonstrando que o sentido é constituído também graças à luz do que lhes é trazido de fora dos signos, por aquilo que se encontra recalcado no inconsciente e que se materializa na cadeia significante, demarcando o lugar da metáfora, do sentido, da verdade, que emerge simbolizada, por ser da ordem do Real, como pode ser vista na relação *quinze meses e onze contos de réis*, cuja verdade não se encontra no sentido literal dos termos, estando seu lugar fora do enunciado.

Ao apontar para um exterior “toda palavra formulada como tal introduz no mundo o novo da emergência do sentido. Não é que ela se afirme como verdade, mas antes que introduz no real a dimensão da verdade” (LACAN: 1979. p. 299). Nessa perspectiva, a produção de sentidos, demonstrando a constituição de uma verdade, se exprime por fora dos signos, noutro lugar. A palavra emitida vai, sem que o sujeito saiba, para além dos seus limites de sujeito discorrente, dizendo sempre mais do que quer dizer, sempre mais do que sabe dizer. Uma verdade que emerge através das “palavras que tropeçam”, como diz Lacan, (1979, p. 302), no texto a seguir:

A verdade surge pelo que é o representante mais manifesto da equivocação – o lapso, a ação a que se chama impropriamente falhada.
Nossos atos falhados são atos que são bem sucedidos, nossas palavras que tropeçam são palavras que confessam. Eles, elas, revelam uma verdade de detrás. No interior do que se chamam associações livres, imagens do sonho, sintomas, manifesta-se uma palavra que traz a verdade.

Pode-se dizer que a verdade só pode ser dita, pelas vias do inconsciente, de forma avessa.

Mas Lacan (1985) vai dizer que a verdade é impossível de se dizer uma vez que ela é da ordem do Real. A inserção no simbólico mediado pela linguagem transforma o homem em um ser sempre desejante diante de um objeto perdido e sempre inatingível. Dessa forma, toda

expressão de fala é marcada pela relação de falta, evidenciada na estrutura pelo sintoma, através da inserção do simbólico, demarcando um lugar em que se retém “uma verdade cônica, não a verdade que pretende ser toda, mas a do semi-dizer, aquela que se verifica por se guardar de ir até à confissão, que seria o pior, a verdade que se põe em guarda desde a causa do desejo” (LACAN, *Idem*, p.126).

Assim sendo, o desejo inconsciente, por marcar essa falta constituída pelo recalque originário, reveste-se de uma dupla característica: em primeiro lugar, sua distorção necessária; e, em segundo lugar, seu distanciamento com respeito à satisfação. Enquanto forma distorcida, caracteriza a dimensão do inconsciente ao apresentar-se de uma forma querendo significar outra; seu distanciamento em relação à satisfação é caracterizado por serem de ordens diferentes. A satisfação como resultado de uma necessidade é de ordem física, biológica; já o desejo é da ordem do Real e, portanto, jamais é satisfeito, ele pode realizar-se em objetos, mas não se satisfaz com esses objetos, ou seja, o desejo inconsciente pode realizar-se em objetos materiais, como roupas, sapatos, livros, mas não se satisfaz, porque o objeto de desejo sendo da ordem do Real é um objeto perdido para sempre.

Dessa forma, o desejo se realiza nos objetos, mas o que os objetos assinalam é sempre uma falta, que faz com que haja um deslizamento incessante de significantes na cadeia da fala. Segundo Garcia-Roza (2002, p. 145):

O objeto do desejo não é uma coisa concreta que se oferece ao sujeito, ele não é da ordem das coisas, mas da ordem do simbólico. O desejo desliza por contigüidade numa série interminável na qual cada objeto funciona como significante para um significado que, ao ser atingido, transforma-se em novo significante e assim sucessivamente, numa procura que nunca terá fim porque o objeto último a ser encontrado é um objeto perdido para sempre.

Essa falta assinalada na cadeia significante, provocando o deslizamento, através do qual um significante desaparece para dar lugar a um outro, Lacan vai tomar como característica do desejo e ilustra sua estrutura, através da noção de metonímia da linguística.

É pelo desejo renascer continuamente, por estar sempre em outro lugar que não no objeto a que ele vise ou no significante suscetível de simbolizar este objeto que o desejo vê-se engajado na via metonímica. Dor (1989, p. 94) vai dizer que é pelo fato do desejo ser representado graças a significantes substitutos, que impõe ao objeto do desejo a qualidade de objeto metonímico.

Consistindo a metonímia na função assumida por um significante S no qual ele se relaciona com outro significante na continuidade da cadeia significativa, pode-se dizer que o desejo se materializa na cadeia metonímica, representado pelo sintoma.

Segundo Lacan, o sintoma se constituindo no sentido de reconhecimento do desejo apresenta-se sob uma máscara, de forma paradoxal. Para ele (1999, p. 337):

A ideia de máscara significa que o desejo se apresenta sob uma forma ambígua, que justamente não nos permite orientar o sujeito em relação a esse ou aquele objeto da situação. Há um interesse do sujeito na situação como tal, isto é, na relação desejante. É precisamente isso que é exprimido pelo sintoma que aparece, e é isso que chamo de elemento de máscara do sintoma.

Essa relação de ambigüidade caracterizando o sintoma é apresentada na cadeia significativa na medida em que o significante que se presentifica como o sintoma, por representar o desejo, ele não carrega em si o sentido por ele veiculado, mas aponta para um outro lugar, o lugar da metáfora, da produção de sentidos, da constituição da verdade. Para Dor (1989, p. 64), o sintoma:

Constitui-se como uma autêntica metáfora, ou seja, como uma substituição significante de um significante antigo recalcado por um significante novo. O significante novo (o sintoma) mantém uma ligação de similaridade com o significante recalcado que ele suplanta.

Pode-se dizer então, que o sintoma é um retorno da verdade, uma vez que o desejo ao se fazer representar na cadeia significativa pelo deslizamento de significantes, demarcando um lugar, o significante “novo” é imbuído de um valor, que aponta para o lugar da constituição de sentidos, o lugar da verdade, o lugar da metáfora.

Freud, ao descrever o modo de funcionamento do inconsciente, na formação dos sonhos e dos chistes, propõe como mecanismo próprio do inconsciente dois grandes movimentos: condensação e deslocamento. Tanto nos sonhos como nos chistes sua estruturação consistia em um conteúdo manifesto e um latente. Neles, os conteúdos não só se apresentavam condensados como demonstravam uma outra característica, as palavras apontavam para-além, revelando um sentido latente através do conteúdo manifesto, proporcionando um deslocamento do sentido. Nessa formação em rede, nessa passagem de uma palavra a outra Freud identificou esses mecanismos como distintos, mas complementares.

Nessa perspectiva, há sempre um algo a mais que também se faz ouvir no conteúdo exposto, visível.

Para Freud (1996, p.154):

Os elementos comuns, recém-criados, de condensação penetram no conteúdo manifesto do sonho como representantes dos pensamentos oníricos, de modo que um elemento no sonho corresponde a um ponto nodal ou a uma junção nos pensamentos oníricos, e, comparativamente a estes últimos, deve ser descrito geralmente como ‘superdeterminado’.

Já o deslocamento “é demonstrado pelo fato de que as coisas que estão situadas na periferia dos pensamentos oníricos, e que são de importância menor, passam a ocupar uma posição central, aparecendo com grande intensidade sensória no sonho manifesto, e vice-versa” (FREUD, 1996, p. 154).

No enunciado irônico *Marcela amou-me durante quinze meses e onze contos de réis*, a produção de sentidos se constitui pela presença de um conteúdo manifesto, que aparece na superfície do enunciado, e um outro conteúdo latente que resgata a história da relação de namoro entre Marcela e a personagem machadiana através da relação entre *quinze meses* e *onze contos de réis* – Ela uma cortesã, ele filho de pais ricos, duas classes distintas, que mantêm um relacionamento. Ele apaixona-se por ela e depois chega a conclusão de que a relação dela para com ele não era por amor, mas por interesse, percebendo que seu amor teve a duração que o dinheiro pôde pagar, apontando para uma verdade não expressa no enunciado, mas que se faz presente, fazendo-se emergir de forma indireta.

Na perspectiva freudiana, têm-se os dois mecanismos básicos de formação do inconsciente na constituição dos sentidos desse enunciado irônico. A condensação se faz presente na medida em que o conteúdo exposto não traz a verdade do enunciado remetendo-nos pelo deslocamento dos sentidos para uma verdade que se constitui fora dos signos.

Lacan (1999, p. 34) vai dizer que a condensação é uma forma particular do que pode produzir-se no nível da função de substituição. E acrescenta que “não é preciso ter possibilidades extraordinárias de intuição para perceber que deve haver alguma relação entre a fórmula da metáfora e o que Freud nos esquematiza sobre a formação do milionário”.

Nessa perspectiva Dor (1989, p. 53) diz que “a condensação pode, legitimamente, ser considerada como estritamente análoga a uma substituição significativa”, a metáfora conseqüentemente. Em relação ao deslocamento ele vai dizer que “o processo global do sonho é um empreendimento metonímico” (DOR, 1989, p. 59).

Partindo do inconsciente estruturado como uma linguagem, Lacan tomando os pressupostos teóricos da linguística, associa os conceitos de condensação e deslocamento aos conceitos de metáfora e metonímia.

Lacan vai dizer que a partir da evolução concreta da linguística, ou seja, com o advento do estruturalismo, permite-se tomar a linguagem no nível de um registro elementar, duplamente definido – como cadeia sincrônica e, em seu interior, como possibilidade permanente de substituição no sentido diacrônico. Permite-se, ainda, igualmente, de acordo com Lacan (1999, p. 52), “reconhecer, no plano das funções do significante, uma força originária na qual podemos localizar um certo engendramento do que chamamos sentido”.

Essa concepção permite apreender que no nível do discurso concreto, o enunciado irônico produzido pela personagem machadiana, em relação ao engendramento do sentido a linguagem se apresenta numa posição de ambigüidade, ao dizer uma coisa e significar outra, ao interrogar uma correspondência entre o “Real e uma certa sintaxe do círculo intencional enquanto completado em cada frase” (LACAN, 1999, p. 53). Ou seja, no decorrer de um discurso intencional em que o sujeito se apresenta como querendo dizer alguma coisa, produz-se algo que ultrapassa seu querer.

Esse para-além se caracteriza na cadeia da mensagem, na medida em que um significante não está na estrutura para se atrelar a um significado, como é o caso da relação entre *quinze meses* e *onze contos de réis*, cujo sentido não está na expressão literal dos termos, mas no deslizamento constante dos significantes, caracterizando um movimento dialético, na medida em que o efeito de sentido que aí se produz é fruto de um jogo de ação regressiva do deslizamento do significante expresso ao significante recalcado. Ou seja, *os onze contos de réis*, ao assumir um lugar na cadeia significante mantêm uma relação de sentido com outros significantes que não se fazem presentes nessa cadeia, mas dele fazem parte, ocultados por se encontrarem recalçados.

Lacan vai dizer que a cadeia do discurso corta a cadeia significante em dois pontos de encontro, constituindo pontos fixos de amarração. O primeiro ponto constitui o encontro do discurso com o código, ponto sintomático, da constituição do objeto metonímico, que remete para o segundo ponto, “o ponto de estofo”, o lugar da metáfora, da produção de sentidos, da constituição de uma verdade.

Nesse enunciado irônico, em um primeiro momento, a cadeia do discurso cruza com a cadeia do significante constituindo o primeiro ponto nodal, o encontro do discurso com o código – demarcando o lugar do objeto metonímico – *os onze contos de réis*, que aponta para

um segundo momento, constituindo o segundo ponto nodal – demarcando o lugar da metáfora – o lugar da mensagem, do ponto de estofo, da produção dos sentidos propriamente ditos, da constituição de uma verdade, que não está no código, nos *onze contos de réis*, uma vez que o objeto metonímico ao se apresentar “não passa de fragmento da realidade que representa” (LACAN, 1999, p. 43).

Como fragmentado de uma realidade, Lacan vai dizer que o objeto metonímico introduz a dimensão do pouco-sentido, na medida em que há um apagamento ou uma redução do sentido da cadeia significante, que interroga o valor como tal e intima-o a realizar sua dimensão de valor a se revelar como valor verdadeiro. No ponto de estofo, na realização da metáfora, essa noção de valor é atribuída ao passo-de-sentido, na medida em que a intenção do sujeito, sua necessidade é estruturada pela substituição de significantes, ou seja, tomar um elemento no lugar onde ele se encontra e substituí-lo por outro, numa relação de similaridade.

É nessa perspectiva que ele vai determinar para esse primeiro ponto o lugar do pouco-sentido e ao segundo, o lugar do passo-de-sentido.

Isso nos aponta para o fato de que tudo o que acontece na ordem da linguagem está sempre já consumado e o lugar da verdade não está no enunciado proposto, mas na articulação entre a cadeia significante e a cadeia do discurso se constituindo como um efeito do sujeito.

Assim, o efeito de verdade é, então, constituído de maneira metafórica e metonímica. De maneira que, em *Marcela amou-me durante quinze meses e onze contos de réis*, a expressão *quinze meses* e *onze contos de réis* marca o lugar do ponto de estofo, ao introduzir-se na dimensão do pouco-sentido, delineando um apagamento do sentido e introduzindo-se na dimensão do passo-de-sentido, ou seja, intima-se como o lugar da verdade.

Essa relação do pouco-sentido e do passo-de-sentido, pode ser associada a Saussure, mais uma vez, na constituição do valor linguístico, o qual só se reveste de sentido quando os signos estão entre rede, no sistema, bem como implica também a noção de arbitrário, no que diz respeito à relação não natural entre significado/significante, permitindo a mudança de sentidos proposta pelos *quinze meses* e *onze contos de réis*.

No passo-de-sentido, enquanto movimento metafórico, a constituição de sentidos se faz presente, na medida em que um significante S se coloca no lugar de outro significante S'. Ao se desencadear tal substituição, produz-se no nível de S' uma mudança de sentido, como pode ser observada no enunciado irônico em que os *quinze meses* e *onze contos de réis* ocupam uma posição de substituição de significantes, estando no lugar de *dinheiro*, *ambição*,

interesse, etc., produzindo uma mudança de sentido uma vez que a verdade não se encontra apenas nos *quinze meses e onze contos de réis*, mas, também, nos outros significantes substituídos por esse enunciado.

Na dimensão metonímica, entram em jogo os contextos e os empregos. Uma palavra pode ser ligada de maneira diferente em dois contextos diferentes, o que lhe dá dois sentidos completamente diversos. Ao tomá-la num certo contexto com o sentido que ela tem em outro, estar-se-á na dimensão metonímica.

Dessa maneira, pode-se dizer, então, que a metonímia é a estrutura fundamental em que se pode produzir esse algo novo e criativo que é a metáfora, isto é, a cadeia em que é definida a posição na qual a metáfora se produz está, quando se trata de metonímia, numa espécie de deslizamento ou equívoco.

Assim, “numa palavra não haveria metáfora se não houvesse metonímia” (LACAN, 1999, p. 80).

Portanto, a produção de sentidos se dá pela via do entrejogo entre a mensagem e o código e no retorno do código para a mensagem, pelas relações metonímicas e metafóricas concomitantemente.

Segundo Dor (1989, p. 35), “a metáfora e a metonímia nos conduzem, igualmente, à ideia fundamental de Lacan da supremacia do significante e suas conseqüências com relação às formações do inconsciente”. Ele afirma que é na supremacia do significante, atestada pelos movimentos metafóricos e metonímicos, ou ainda, de sua assimilação ao funcionamento dos processos de condensação e deslocamento, que se encontram os principais pontos de argumentação teórica que justifica a tese do inconsciente estruturado como uma linguagem.

Dessa forma, pode-se deduzir através do enunciado irônico *Marcela amou-me durante quinze meses e onze contos de réis*, que há uma analogia entre o funcionamento dos processos inconscientes e o funcionamento de certos aspectos da linguagem, indissociáveis na produção de sentido, que se dá não pela relação que a palavra possa ter com a coisa significada, mas pela relação que ela tem com outras palavras, ou seja, na articulação signo-signo.

Assim, estudando o valor linguístico saussuriano, a inter-relação entre as relações associativas (paradigmática) e sintagmáticas, os movimentos de condensação e deslocamento de Freud e os processos metafóricos e metonímicos lacanianos, como elementos constitutivos do sentido, pode-se dizer que Saussure e Lacan interagem e que Linguística e Psicanálise devem caminhar juntas quanto à estruturação da linguagem.

3. 3 Considerações parciais

Nesse capítulo que encerra as reflexões dessa pesquisa, pode-se observar por intermédio da ironia, que serviu de fio condutor na elaboração dessa pesquisa, pelo fato de poder ser vista tanto do ponto de vista da Linguística, quanto da Psicanálise, uma semelhança no modo de funcionamento entre o signo saussuriano e o significante lacaniano. Partindo da noção de valor, que se constitui pela relação que o signo mantém com outros dentro do sistema, o signo se imbuí de sentidos quando entra em rede pelas relações sintagmáticas e pelas relações associativas que estabelece dentro do sistema, permitindo que seja possível a elaboração de um enunciado irônico. Dessa forma, a relação sintagmática, responsável pela linearidade dos signos no sistema, estrutura os signos permitindo a elaboração do enunciado, enquanto que a relação associativa por sua vez, articula toda uma série de palavras que mantêm uma relação de semelhança com os signos da cadeia sintagmática, podendo substituí-los. De forma semelhante, pode-se ver em Lacan identidades quanto ao modo de funcionamento do inconsciente, em relação à constituição de sentidos nas formações do inconsciente, que se estruturam pelos dois movimentos básicos de metáfora e metonímia. Como pode ser visto no enunciado irônico, o significante sofre deslizamento incessante na cadeia metonímica, por veicular um desejo recalcado, demarcando em algum lugar nessa cadeia, o lugar da metáfora, da constituição de sentidos, da simbolização da verdade, que é da ordem do Real.

4 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Essa dissertação tem o título de *Os movimentos do inconsciente na articulação ironia-linguagem-verdade*. Enveredando por uma pesquisa na interface Linguística e Psicanálise, buscou-se desde o princípio desenvolver uma abordagem que atendesse, sobretudo, às necessidades da Linguística, ou seja, que trouxesse uma contribuição aos estudos linguísticos, mas também que pudesse, de alguma forma, contribuir para a Psicanálise, ajudando a entender um pouco a linguística saussuriana, a qual Lacan tomou como suporte para trabalhar a ideia do inconsciente estruturado como uma linguagem e, conseqüentemente, ajudar a Psicanálise na escuta da palavra, sem perder de vista o foco do trabalho.

Para tanto, desenvolveu-se uma pesquisa de base teórica, cujo primeiro capítulo tinha como objetivo analisar a constituição de sentidos que se dá na interface entre Linguística e Psicanálise, pelos seus movimentos constituintes básicos, tomando a ironia como fio condutor das reflexões.

Saussure vai dizer que a língua é um sistema de signos. Vista nessa perspectiva, não se pode ver cada noção por ele trabalhada como desvinculada uma da outra: significante/significado, arbitrário/valor, relações sintagmáticas e relações associativas. A língua, enquanto sistema de signos, implica dizer que todos esses elementos se constituem concomitantemente, que a noção de um implica na constituição do outro e que juntos constituem o sistema.

Assim também é na psicanálise lacaniana. Lacan ao estruturar o inconsciente como uma linguagem constrói uma teoria, embasada em dois movimentos básicos como constituintes do inconsciente, mas entendê-los requer uma série de pré-requisitos, como os conceitos básicos de significante, recalque, gozo, pulsão, real, simbólico e imaginário, metáfora paterna, complexo de castração, denegação, grande Outro, outro, nem sempre fáceis de assimilar.

Como lingüista, a facilidade de entendimento foi maior na linguística saussuriana, que apesar de ser uma releitura, foi uma leitura nova, com um novo olhar para as teses centrais que constituem sua teoria, escritas no CLG, buscando ver no modo de funcionamento, a constituição de sentidos. Nessa leitura, em um olhar mais debruçado, novas descobertas ou novos encontros, que me encantavam e me seduziam por esse Saussure de uma visão tão profunda, que só os grandes sábios têm, como pude perceber pela leitura de Simon Bouquet,

que traz a reflexão de um Saussure que sabia que era necessário deixar de lado certos aspectos da linguagem para sistematizá-la e dar à Linguística o status de ciência, oferecendo uma leitura mais ampla de Saussure. Outras leituras vieram subsidiar as reflexões e muito contribuíram, como os textos de Mônica Nóbrega, que passam um encanto por Saussure. E aí, quanto mais lia atentamente Saussure, mas me apaixonava pela sua visão do todo que constitui a linguagem humana. Enfim, outros autores foram tomados como suporte teórico na construção de reflexões da teoria saussuriana, que consistia no primeiro capítulo dessa dissertação.

Vencida a primeira etapa, passou-se a construção do aporte teórico que constituía o segundo capítulo dessa dissertação, realizando o segundo objetivo específico, que consistia em trabalhar as formações do inconsciente, observando a constituição de sentidos nos processos de condensação e deslocamento, em Freud, e os movimentos de metáfora e metonímia, em Lacan. Missão difícil essa, porém instigante, embora quanto mais eu lesse sobre suas teorias, a noção que tinha é que menos sabia, desencadeando uma sensação dialética, na medida em que provocava desânimo, também provocava curiosidade e a vontade de encontrar o liame do pensamento freudiano e lacaniano, tornando as leituras contagiantes, feito histórias, que mistura romance e filosofia. Enfim, a sensação que se tem é que ler Lacan também requer uma leitura apaixonante, para encontrar em suas reflexões algo que extrapola uma epistemologia, que extrapola a relação escrita/teoria e traz para a materialidade da vida. Também como no primeiro capítulo, outros autores trouxeram contribuições para as reflexões desse capítulo, como as leituras de Joel Dor e Anika Lemaire, dentre outros.

Embasamento teórico constituído, parti para a construção do terceiro e último capítulo dessa dissertação, que consistia em articular a constituição de sentidos que se dá na interface Linguística e Psicanálise, através dos movimentos que constituem cada uma das teorias, tomando como fio condutor a ironia, que servia como linha que costurava os tecidos da linguística saussuriana e da psicanálise lacaniana.

Em princípio, parecia, superficialmente, não muito difícil, mas não consistiu uma tarefa fácil. Duas teorias distintas, com objetos distintos, mas com certo modo de funcionamento semelhante. Sendo este o “ponto de estofo” encontrado para desenvolver a pesquisa nessa interface. Objetivos construídos, teorias analisadas, mãos à obra. Nessa interface, grande foi a contribuição de Arrivé, que articula reflexões em torno da Linguística e Psicanálise; bem como de Garzia-Roza, no entendimento sobre a verdade, do ponto de vista psicanalítico.

Mas, por onde começar, se nas duas teorias não existe um ponto de partida que se constitua na premissa menor, que daria o suporte para a próxima noção e, assim por diante, na estruturação do todo. Em vão pensar assim. A língua enquanto sistema e o inconsciente enquanto estruturado como uma linguagem requer que se parta dessa premissa e, partir dessa premissa maior, requer que vejamos todos os elementos que compõem, tanto a linguística saussuriana quanto a psicanálise lacaniana, como interligados, na medida em que o recorte de um pode acarretar uma visão distorcida da teoria. Dessa forma, como falar de significante, metáfora e metonímia, sem fazer referência a todos os outros elementos? Mas, também, trazer todos esses conceitos à tona para uma lingüista, não é uma tarefa fácil. A sensação que eu tinha era de mexer com um vespeiro, porque cada vez que se venciam um conceito, outros emergiam como constituintes, exigindo um grau de conhecimento sempre maior, crescendo em profundidade e complexidade. Mesmo abrindo portas para uma perda no meio do caminho, correndo o risco de distorcer conceitos, bem como de desvirtuar o foco dessa dissertação, preferi fazer rápidas considerações sobre alguns elementos nodais.

E, o que “pior”, fazer toda uma abordagem sobre a teoria lacaniana, sem trazer a discussão do sujeito, uma vez que para a Psicanálise um significante não se atrela a um significado, mas a um sujeito que está atrelado a outro significante. Mas, falar de sujeito requereria um conhecimento mais lapidado, por isso, denominou-se esses estudos aqui de reflexões, que não pretendem ser vistas como ponto final, mas como reticências....Última página, que encerra esse olhar momentaneamente, uma vez que isso também significa um começo para outras dissertações, teses, que poderiam enveredar pela constituição do sujeito, na linguística saussuriana e na psicanálise lacaniana, na produção de sentidos.

REFERÊNCIAS

ABAURRE, Maria Luiza; PONTARA, Marcela Nogueira; FADEL, Tatiana. *Português: Língua e Literatura*. Vol. Único. São Paulo: Moderna, 2000.

ARRIVÉ, Michel. *Linguagem e psicanálise, linguística e inconsciente: Freud, Saussure, Pichon, Lacan*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 1999.

_____. *Linguística e Psicanálise: Freud, Saussure, Hjelmslev, Lacan e os outros*. 2 ed. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2001.

BENVENISTE, Émile. *Problemas de linguística geral II*. Campinas, SP: Pontes, 1989.

BOUQUET, Simon. *Introdução à leitura de Saussure*. São Paulo: Cultrix, 2000.

BRÉHIER, Émile. *História da Filosofia*. São Paulo: Mestre Jou, 1977.

BRAIT, Beth. *Ironia em perspectiva polifônica*. Campinas: Ed. da UNICAMP, 1996.

CHEMAMA, Roland. *Dicionário de Psicanálise*. Porto Alegre: Artes Médias Sul, 1995.

DOR, Joël. *Introdução à leitura de Lacan: o inconsciente estruturado como linguagem*. Porto Alegre: Artes Médicas, 1989.

DOSSE, François. *História do Estruturalismo*. Campinas: Editora da Unicamp, 1993. v. I, p. 65-89.

EDIÇÃO ELETRÔNICA BRASILEIRA DE OBRAS PSICOLÓGICAS COMPLETAS DE SIGMUND FREUD. 1969-80.

FARACO, Carlos Alberto. Estudos pré-saussurianos. In: MUSSALIM, Fernanda; BENTES, Anna Christina (orgs.). *Introdução à Linguística: fundamentos epistemológicos*. 4 ed. São Paulo: Cortez, 2004. v. 3, p. 27-52.

FERREIRA, Aurélio Buarque de Holanda. *Novo Dicionário da Língua Portuguesa*. Rio de Janeiro: Editora Nova Fronteira, 1986.

FLORES, Valdir do Nascimento. A linguística de Ferdinand de Saussure, a psicanálise de Jacques Lacan. O que pode uma dizer à outra. *Psicanálise, Linguística e Análise do Discurso*. C. da APPOA Rev., Porto Alegre, nº 131, Ano XI, p. 5-11, dez.2004.

FRANÇA, Júnia Lessa. *Manual para normatização de publicações técnico-científicas*. 6 ed. Belo Horizonte: Ed. UFMG, 2003.

FREUD, S. *Os chistes e sua relação com o inconsciente*. Rio de Janeiro: Imago, 1969.

_____. *Psicopatologia da vida cotidiana*. Rio de Janeiro: Imago, 1996.

GARCIA-ROZA, Luiz Alfredo. *Palavra e verdade: na filosofia antiga e na psicanálise*. 4.ed. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2001.

_____. *Freud e o inconsciente*. 19.ed. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2002.

ILARI, Rodolfo. O estruturalismo linguístico; alguns caminhos. In: MUSSALIM, Fernanda; BENTES, Anna Christina (orgs.). *Introdução à Linguística: fundamentos epistemológicos*. 4 ed. São Paulo: Cortez, 2004. v. 3, p. 53-92.

JAKOBSON, Roman. *Linguística e Comunicação*. 20 ed. São Paulo: Cultrix, 1996

JORGE, Marco Antonio Coutinho. *Freud, criador da psicanálise*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2002.

LACAN, Jacques. *Escritos*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 1998.

_____. *Outros escritos*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2003.

_____. *O seminário. Livro 1: Os escritos técnicos de Freud*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 1979.

_____. *O seminário. Livro 3: as psicoses*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 1988.

_____. *O seminário. Livro 5: as formações do inconsciente*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 1999.

_____. *O seminário. Livro 20: Mais, ainda*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 1985.

LAMAIRE, Anika. *Jacques Lacan: uma introdução*. 4 ed. Rio de Janeiro: Campus, 1989.

LOPES, Edward. *Fundamentos da Linguística Contemporânea*. 12 ed. São Paulo: Cultrix, 1991.

MAURO, Tullio de. In: *Saussure, F. Cours de Linguistique Générale*. Grande Bibliothèque Payot. Saint-Germain, Paris VI: Éditions Payot & Rivages, 1995.

MONDOLFO, Rodolfo. *O pensamento antigo – História da Filosofia Greco-romana*. São Paulo: Mestre Jou, 1964.

MUSSALIM, Fernanda. Análise do discurso. In: MUSSALIM, Fernanda; BENTES, Anna Christina (orgs.). *Introdução à Linguística: domínios e fronteiras*. 4 ed. São Paulo: Cortez, 2004. v. 2, p. 101-142.

NÓBREGA, Mônica. *O mesmo e o outro: a constituição dos sentidos na articulação entre linguística e psicanálise*. Tese de doutorado: Porta Alegre, 2001.

NORMAND, Claudine. *Saussure*. Paris: Lês Belles Lettres, 2000.

OLIVEIRA, Roberta Pires de. Semântica. In: MUSSALIM, Fernanda; BENTES, Anna Christina (orgs.). *Introdução à Linguística: domínios e fronteiras*. 4 ed. São Paulo: Cortez, 2004. v. 2, p. 17-46.

REVISTA VIVER MENTE&CÉREBRO. *Coleção Memória da Psicanálise: Freud e o despertar do inconsciente*. Edição Especial. São Paulo: Ediouro, Segmento-Duetto Editorial Ltda., 2006. v.1.

REVISTA VIVER MENTE&CÉREBRO. *Coleção Memória da Psicanálise: A lógica do sujeito - Lacan*. Edição Especial. São Paulo: Ediouro, Segmento-Duetto Editorial Ltda., 2006. v.4.

SALOMÃO, Jayme. *Freud (Os pensadores)*. São Paulo: Nova Cultural, 2005.

SAUSSURE, Ferdinand de. *Curso de Linguística Geral*. 15 ed. São Paulo: Cultrix, 1989.

_____. *Escritos de Linguística Geral*. São Paulo: Cultrix, 2004.

WEEDWOOD, Bárbara. *História concisa da linguística*. 4 ed. São Paulo: Parábola, 2002.